

Vox Concordiana

SUPLEMENTO TEOLÓGICO

EXPEDIENTE

VOX CONCORDIANA SUPLEMENTO TEOLÓGICO

Editado pela congregação de professores da Escola Superior de Teologia do Instituto Concórdia de São Paulo.

Editor:

Deomar Roos

Diretor responsável

Dr. Rudi Zimmer

Congregação de professores:

Dr. Rudi Zimmer, diretor geral

Ari Lange, vice-diretor

Ari Gueths

Deomar Roos

Erni W. Seibert

Paulo F. Flor

Paulo M. Nerbas

Paulo W. Buss

Raul Blum

Os artigos assinados são da responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a posição da congregação de professores como um todo. Devem ser considerados mais como ensaios para reflexão do que posicionamentos definitivos sobre os temas abordados.

Endereço para correspondência:

Instituto Concórdia de São Paulo

Rua Raul dos Santos Machado, 25

Jardim Helga - Campo Limpo

05.794 - São Paulo, SP

ou

Caixa Postal 60.754

05.799 - São Paulo, SP

ANO 3

Nº. 2

1987

Palavra ao Leitor

Esta edição da Vox Concordiana - Suplemento Teológico apresenta artigos bem distintos e relevantes quanto ao seu conteúdo. O primeiro, de autoria do prof. Paulo F. Flor, analisa a literatura apocalíptica do período intertestamental e sua influência sobre escritos do Novo Testamento. Este é um tema muito vasto e com frequência esquecido ou considerado como mera curiosidade literária de tempos remotos. Mas se for lembrado que os judeus da época de Cristo, a igreja primitiva, bem como os escritores do Novo Testamento viveram rodeados por conceitos formulados por esta linha de pensamento (não a única, claro), então o assunto começa a assumir o seu devido lugar no mundo teológico. O terceiro artigo faz uma análise do Movimento Church Growth (Crescimento da Igreja). Este movimento, originário da América do Norte, nestas últimas décadas tem se espalhado mundo a fora especialmente nas igrejas protestantes e tem suscitado muita controvérsia. Para alguns é a resposta ao problema crônico de falta de crescimento missionário em muitas denominações. Para outros não passa de mais um movimento dentro da história eclesiástica que possivelmente não subsistirá por muito tempo. O artigo do prof. Erní W. Seibert faz uma análise deste movimento a partir da ótica luterana confessional.

A inclusão do artigo sobre a educação teológica por extensão se fez por uma razão muito especial. O estudo de teologia por extensão é assunto novo na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Não há pastores na IELB que tenham tido seu treinamento teológico nesta modalidade de estudo. A Escola Superior de Teologia (EST) do Instituto Concórdia de São Paulo (ICSP) está entrando por este caminho virgem na IELB. O programa de teologia por extensão foi aprovado pelo Departamento de Ensino na reunião do Conselho Diretor da IELB em setembro último. Mais de trinta candidatos de diferentes partes do país solicitaram informações sobre o funcionamento do programa por extensão bem como

os formulários de inscrição para o mesmo. Não há dúvida que esta é a grande oportunidade especialmente para o que se denominou chamar de "vocações tardias". Ou seja, para aqueles que sempre quiseram estudar teologia e tornar-se pastor, mas por razões diversas, foram impedidos de concretizar o seu intento. A presença do artigo de F. Ross Kinsler nesta edição fornece perspectivas sobre o que é realmente a educação teológica por extensão. Também oferece subsídios para a reflexão sobre a validade de uma tal modalidade de educação teológica na IELB.

Pela primeira vez o Suplemento Teológico traz a seção de estudos homiléticos. Dentro da filosofia de servir aos propósitos pastorais e congregacionais, os três estudos apresentados neste número visam auxiliar o pastor (ou líder congregacional) em sua rotina ministerial. O mesmo vale para as listagens relativas ao Hinário Luterano. Tanto a lista dos textos bíblicos contidos nos hinos, compilada pelo rev. Milton Lehmann, como a sugestão de hinos para as perícopes da série trienal B, um trabalho feito pelos alunos do atual primeiro teológico da EST e coordenado pelo prof. Raul Blum, são fontes de referências de utilidade indiscutível.

Ainda uma palavra sobre a apresentação e impressão da Vox Concordiana. Com a mediação do Departamento de Comunicação da IELB, a Concórdia Editora Ltda. assumiu os trabalhos gráficos (composição, diagramação, impressão) e expedição da revista. Desde o número anterior o Suplemento está com nova proposta visual. O novo logotipo foi criado pela equipe da Concórdia. A capa está com novo colorido: verde e branco (cores oficiais do ICSP). Evidentemente a intenção é agilizar o processo que culmina com o produto final - a revista! - nas mãos do leitor. E assim servir a Cristo e a sua Igreja.

Deomar Roos

A Origem e a Natureza da Literatura Apocalíptica

INTRODUÇÃO

Paulo F. Flor *

É uma tarefa difícil encontrar um caminho através de tantos pontos de vista e definições diferentes sobre a origem e definição da literatura apocalíptica. Em vista disso, Klaus Koch publicou uma obra sobre a matéria com o título curioso *Ratios vor der Apokalyphtik*, isto é, perplexo perante o apocalíptico. Nesta obra o autor argumenta contra as concepções correntes dos eruditos especializados naquele campo. Tentaremos encontrar um caminho através de tantas posições diferentes e considerar primeiro a questão a respeito da origem e então a respeito da natureza da literatura apocalíptica. Mas antes de começar, faremos algumas observações sobre o sentido do termo *apocalíptico* e forneceremos uma lista dos principais livros neste setor.

I. O SENTIDO DO TERMO *APOCALÍPTICO*

O termo é derivado do grego *apokálypsis*, encontrado em Ap 1.1, que quer dizer revelação ou o ato de desvendar. Seu primeiro sentido é o ato de revelar ou desvendar algo que é escondido em certo contexto. Num segundo sentido o termo se aplica a um grupo de escritos com certas características, produzidos nos últimos dois séculos antes e no primeiro século depois de Cristo. Num terceiro sentido o termo denota as idéias e conceitos deste tipo de literatura. É um termo que naturalmente não foi usado quando os escritos foram redigidos. Foi aplicado a eles mais tarde, caracterizando toda a espécie de escritos que têm alguma similaridade com o Apocalipse de São João.

II. UMA LISTA DOS PRINCIPAIS LIVROS DA LITERATURA APOCALÍPTICA

Não existe também um acordo quanto ao número deste tipo de literatura. Fornecemos a lista que D. S. Russell compilou, 17 ao todo:

1. O Livro de Daniel
2. 1 Enoque 1-36; 37-71; 72-82; 83-90; 91-108
3. O Livro dos Jubileus
4. Os Oráculos Sibílinos, Livro III

* Professor na Escola Superior de Teologia do Instituto Concórdia de São Paulo, SP.

5. Os Testamentos dos Doze Patriarcas
6. Os Salmos de Salomão
7. A Assunção de Moisés
8. O Martírio de Isaías
9. A Vida de Adão e Eva, ou o Apocalipse de Moisés
10. O Apocalipse de Abrão
11. O Testamento de Abraão
12. 2 Enoque, ou o Livro dos Segredos de Enoque
13. Os Oráculos Sibílinos, Livro IV
14. 2 Esdras (ou 4 Esdras)
15. 2 Baruque, ou o Apocalipse de Baruque
16. 3 Baruque
17. Os Oráculos Sibílinos, Livro V

Ele também destaca alguns escritos dos rolos do Mar Morto que têm feições apocalípticas:

Comentários de Isaías, Oséias, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias e do Salmo 37

O Documento Zadoquita (ou o Documento de Damasco)

O Manual de Disciplina (ou a Regra da Comunidade)

A Regra da Congregação

Um Rolo de Bênçãos

O Rolo dos Testemunhos (ou Uma Antologia Messiânica)

Hinos (ou Salmos) de Ações de Graça

A Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas (ou A Regra da Guerra Final)

O Livro dos Mistérios

Um Midrash dos Últimos Dias

Uma Descrição da Nova Jerusalém

Uma Liturgia Angélica

A Oração de Nabonido e um Pseudo-apocalipse de Daniel

Um Apócrifo de Gênesis. ⁽¹⁾

III. A ORIGEM DA LITERATURA APOCALÍPTICA

O problema da origem da literatura apocalíptica ainda não foi resolvido. Em 1959 O. Ploeger publicou uma obra intitulada: *Theokratie und Eschatologie* em que ele destaca duas correntes mais ou

1 Leon Morris, *Apocalyptic*, (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1972), pp. 21-22.

menos opostas uma à outra na comunidade judaica depois da restauração de Esdras. De um lado, havia a aristocracia sacerdotal para a qual as profecias haviam silenciado. Eles achavam que novos profetas não mais se levantariam entre eles. Do outro lado, havia dois outros grupos que tinham as profecias em alta estima e estavam abertos para novas revelações de seu Deus e também para influências estrangeiras, principalmente de modelo iraniano. Entre estes grupos a literatura apocalíptica começou a florescer.

Um ano após a publicação de Ploeger, G. von Rad publicou seu segundo volume da obra *A Teologia do Antigo Testamento*, no qual ele refuta categoricamente a hipótese de que a literatura apocalíptica tem a sua origem no profetismo judaico. Para ele os autores apocalípticos não se relacionaram com o profetismo, mas antes com a literatura da sabedoria. Ele fundamenta a sua teoria no fato de que os profetas sempre arraigaram as suas profecias no tempo deles, no seu presente histórico, e dele partiram para o passado e o futuro. Os autores apocalípticos, entretanto, escondiam seu próprio momento histórico e estavam preocupados com a História como um todo, desde a sua origem até seu fim. Por isso a literatura apocalíptica não poderia ter suas origens no profetismo, mas na literatura da sabedoria, porque a tarefa dos autores apocalípticos era semelhante aos autores da literatura da sabedoria que era de interpretar os oráculos, os sinais, os sonhos, sendo aqueles tão ávidos da sabedoria como estes.

Uma direção completamente oposta a G. von Rad foi seguida por P. D. Hanson que aceitou o ponto de vista de intérpretes como H. H. Rowley, S. B. Frost, D. S. Russell e outros. Segundo este ponto de vista, a literatura apocalíptica deriva de um desenvolvimento interrompido do profetismo judaico pré e pós-exílico, que recebera, ao longo do caminho, antigos motivos míticos de origem pagã. As influências do dualismo iraniano e do helenismo vieram tarde e somente após as feições essenciais terem sido plenamente desenvolvidas. A tradição da sabedoria penetrou também, mas apenas como um elemento secundário, mas importante.

Hanson, no entanto, distingue entre profetismo e apocalipsismo. Estabelece uma diferença entre visão e inserção no domínio da História. No profetismo há visões e inserções nos acontecimentos históricos, ao passo que o apocalipsismo permanece apenas no domínio da visão. Para Hanson os profetas entenderam que era a sua tarefa transferir a divina visão recebida no nível cósmico para o nível político-histórico de seu tempo. Os autores apocalípticos, contudo, falavam de suas visões, independentes e indiferentes com o momento histórico em que

viviam. Um profetismo escatológico tornava-se apocalíptico porque abandonava a tarefa de interpretar a visão cósmica em categorias da realidade presente.²

R. H. Charles estabelece as seguintes diferenças entre profetismo e apocalipsismo:

1. Para os profetas o reino de Deus está neste mundo que a ele pertence; para os autores apocalípticos o reino de Deus está além deste mundo.

2. Os profetas estão preocupados com o presente; os apocalípticos têm uma visão temporal do infinito e do futuro, que se desenvolve por um determinismo mecânico e não orgânico.

3. Os apocalípticos têm uma idéia mais rígida do destino dos pagãos no dia do juízo final.³

Quanto aos motivos que produziram este tipo de literatura, George Eldon Ladd cita três:

1. O remanescente dos justos, que é uma expressão derivada dos profetas. Esta expressão alguns grupos aplicaram a si mesmos como, por exemplo, os fariseus e a comunidade de Qumran. Estes grupos consideraram a si mesmos o remanescente dos justos que continuava a servir fielmente a seu Deus, enquanto a maioria do povo de Israel não o fazia e eles julgavam que as profecias se cumpriram neles.

2. O problema do mal. Durante longo tempo os judeus se satisfaziam com a idéia de que Deus punia os maus e recompensava os bons. Mas após o exílio, embora a nação judaica se mantivesse fiel em guardar a lei e evitasse a idolatria, ela não prosperava e passava de sujeição a sujeição de uma nação para outra. Como não percebessem a recompensa pela sua conduta reta e nem o castigo para seus inimigos, começaram a transferir a solução do problema do mal para a outra vida.

3. A cessação da profecia. Quando a voz da profecia silenciou, surgiu a necessidade de preencher o vácuo. E os autores apocalípticos tentaram fazê-lo. Eles falaram em nome de Deus o melhor que puderam.⁴

Paul-Gerd Muller destaca dois fatores principais que fizeram a literatura apocalíptica florescer:

1. Uma tensão interna da vida religioso-política dos judeus. Com Alexandre, o Grande, os judeus ingressaram no mundo da cultura helênica. Elementos gregos, iranianos, egípcios e africanos se mesclaram numa nova civilização de alcance mundial. Uma língua universal, a *Coiné*, facilitava a comunicação. Pessoas de uma certa proeminência conheciam ao menos três línguas importantes: aramaico, grego e latim. Novas melhorias como cidades

2 Gerard, Rochais, "Les Origines de l' Apocalytique," in *Science and Espirit*, V. XXV, 1973, p. 22.

3 Bruno Corsand, "L'Apocalittica: Fra Antico e Nuovo Testamento," in *Protestantesimo*, V. XXVII, 1972, p. 16.

4 Leon Morris, *op. cit.*, pp. 23-24.

modernas, salões de ginástica, teatros e estádios marcavam os ideais culturais dos judeus como também das outras nações da época helenística. Havia muitas coisas que não afinavam com a fé tradicional dos pais, havendo o perigo de se perder a substância tradicional da herança judaica. Estes fatores negativos estimularam a literatura apocalíptica a fim de salvar o que se estava perdendo.

2. A pressão externa. Mais forte que a tensão interna era a pressão externa das mudanças políticas e do domínio dos poderes imperiais que mantinham a nação judaica subjugada. Com a morte de Alexandre, o Grande, os judeus mudaram de uma dominação para a outra. Primeiro, estiveram sob os ptolomeus do Egito, depois, sob os selêucidas da Síria. Depois de uma breve independência, sob o comando dos macabeus, foram finalmente subjugados pelos romanos, que, no ano 70 A.D., destruíram a cidade de Jerusalém e em 130 A.D. acabaram com os judeus como nação residente na Judéia. Sob tais condições adversas a literatura apocalíptica florescia. Considerava mau o tempo presente e anelava por uma outra era na qual a nação judaica fosse governada pelo próprio Deus e estivesse liberta de todos os seus inimigos. Tal literatura era uma espécie de escapismo e servia para consolar os aflitos, para encorajar os atemorizados e confortar os que tinham perdido a esperança.

A literatura apocalíptica é tão diferente e variada que se pode concluir que recebeu influências de toda a parte. Podemos concordar com Hanson que ela deriva do profetismo israelita e recebeu muitas outras influências de fora. Mais tarde, porém, no tempo pós-exílico, sob as pressões internas e externas das condições de vida, evoluiu para um certo padrão cujas principais características são inteiramente diferentes do profetismo, embora retenha alguns elementos secundários comuns a ele. Examinaremos, a seguir, este padrão, primeiro suas características principais, que lhe deram sua forma própria, e depois as características secundárias, algumas das quais são comuns às características do profetismo.

IV. A NATUREZA DA LITERATURA APOCALÍPTICA

A. Suas características principais e distintivas:

1. Este mundo é mau e corrupto sob o controle de Satanás. Deus praticamente o abandonou e não intervém até o fim desta era. Esta é uma tendência nova e pessimista que não constava nas características do profetismo. Este considerava o mundo também mau por causa do pecado, mas acreditava que Deus mesmo assim atuava neste mundo e o tornava melhor pelo seu poder e graça. De acordo com os apocalípticos, os justos são gravemente afligidos e sofrem injustamente. Em meio a suas afli-

ções, eles são oprimidos, perseguidos e mesmo mortos pelos injustos, auxiliados por Satanás e pelos demônios. Desde que ambos, esta era e este mundo, se encontram sob o domínio de Satanás, os justos podem fazer muito pouco para aliviar a sua situação desesperadora.

Mas há uma coisa que eles podem fazer e esta é ser fiel a Deus e permanecer leais a sua religião, aguardando a nova era que Deus fará surgir e, por isso, eles não estão sem esperança, porque o fim está iminente.

2. Deus fará em breve um fim a esta era e destruirá o presente mundo, mau e corrupto, estabelecendo uma era nova e perfeita, num mundo novo e perfeito, sob o seu controle, onde os justos entre os ainda vivos e os justos ressuscitados fruirão uma existência feliz e abençoada sem fim. Esta era futura se encontrará num mundo perfeito que pré-existiu no céu ou mesmo será o presente, completamente expurgado de todo o mal. Em alguns outros escritos o conceito de um mundo novo é mesclado com o de um mundo renovado.

3. O aspecto dualístico. Essa noção das duas eras e dos dois mundos está baseada sobre a influência dualística da religião iraniana. Os apocalípticos acreditavam em duas forças sobrenaturais e opostas, ambas pessoais e cósmicas, uma boa e outra má. Deus é a boa e Satanás, a má. Na literatura apocalíptica Satanás não é meramente um agente de Deus e o tentador do homem, mas um ativo oponente a Deus e o opressor dos justos. Mas Satanás não tem o mesmo poder que Arimã, que era igual a Ormuz na mitologia iraniana. Ele é inferior a Deus e será derrotado totalmente no fim desta era. Em alguns apocalípticos esta oposição é mais acentuada que em outros, mas esta luta cósmica entre as duas forças é uma característica permanente e distintiva da literatura apocalíptica.

4. Geralmente nas obras apocalípticas o critério de justiça não é ético ou moral, o que é raramente mencionado. Há algumas instruções éticas em 2 Enoque, mas é uma exceção à regra. A justiça apocalíptica consiste em lealdade a Deus e às exigências ritualísticas do culto.

Isso, contudo, representa um grande problema. Por que então este mundo que Deus criou para Israel não é dado a este povo para a sua posse? Essa pergunta Esdras fez ao anjo em 2 Esdras 4.54 nas seguintes palavras: "Se, na verdade, o mundo foi criado por nossa causa, por que não entramos na posse deste mundo? Quanto tempo ainda teremos que esperar?"⁵

O anjo respondeu a Esdras com duas ilustrações. Numa ele usou a figura dum largo e extenso mar cuja entrada é estreita e na outra falou de uma linda cidade, numa planície, repleta de coisas boas,

5 R. H. Charles, *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old*

Testament, (Oxford: At the Clarendon Press, 1968), p. 579.

mas cuja entrada também é estreita e se encontra numa íngreme ladeira.⁶ As duas ilustrações pretendem ensinar que a posse da herança de Israel depende da passagem através de uma vereda estreita e perigosa. O próprio anjo aplicou as ilustrações à situação de Israel:

"Da mesma forma também é a porção de Israel, pois foi para sua causa que fiz este mundo. Mas quando Adão transgrediu meus estatutos, então o que tinha sido feito foi julgado e então os caminhos deste mundo tornaram-se estreitos e tristes e penosos e cheios de perigos associados com grandes armadilhas. Mas os caminhos do mundo futuro são largos e seguros e ostentam o fruto da imortalidade. Se, portanto, os vivos, não tiverem seguramente entrado através destas passagens estreitas e insignificantes, não serão dignos de receber o que tem sido reservado para eles."⁷

Como vemos dessas ilustrações, a queda de Adão é responsável pelo fato de que Israel não recebeu este mundo como sua herança, embora ele fosse criado para ele. Este mundo tornou-se mau, cheio de dificuldades, doenças, opressões, morte etc., tal qual uma estreita e perigosa vereda. Mas há ainda esperança. Através desta vereda estreita é possível alcançar o outro mundo que é igual ao vasto mar ou à linda cidade. A salvação não está perdida, apenas foi adiada, suspensa, até que todos os eleitos à vida eterna tenham cruzado a vereda estreita.

A salvação na era futura, entretanto, depende de uma condição que deve ser preenchida nesta vida, porque filiação ao povo de Deus, apenas, não garante a posse da vida eterna. Todos são chamados, mas herdarão o outro mundo apenas aqueles que serviram o Altíssimo penosamente e se comprometeram a observar de maneira perfeita a lei do Doador da lei (2 Esdras 7, 89).⁸

Assim a queda de Adão não é considerada no sentido de pecado original, tornando a cada um pessoalmente culpado. Ela apenas causou todos os males deste mundo. No entanto, cada um será responsável por sua própria salvação. "Porque então cada um deverá apresentar a sua própria justiça ou injustiça" (2 Esdras 7.105).⁹ O outro mundo pode ser alcançado apenas pelo justo, enquanto os muitos que desprezaram a lei de Deus perecerão (2 Esdras 7.20).¹⁰ O critério do último dia será a sentença:

"Para o vazio, coisas vazias, para o repleto, coisas repletas!" (2 Esdras 7.25).¹¹

5. Determinismo. Uma grande preocupação para os apocalípticos representa a duração desta era. Essa preocupação achamos expressa na pergunta do anjo a Esdras: "Quanto tempo ainda teremos que esperar?" (2 Esdras 6.59).¹² E a resposta do anjo temos nestas palavras:

Não foram estas perguntas a respeito do tempo feitas pelas almas dos justos nos aposentos? Quanto tempo teremos de permanecer aqui? Quando virá o fruto de nossa recompensa? E a eles o arcanjo Jeremiel respondeu e disse: Então, quando o número daqueles iguais a vocês for completo. Porque ele pesou a idade na balança e com a medida mediu os tempos e com o número enumerou as estações: ele não moverá nem agitará as coisas, até que a medida apontada seja completa (2 Esdras 4.37-39).¹³

O fim desta era, portanto, depende de duas condições: 1) Virá apenas então quando o número completo dos justos terá cruzado a vereda estreita da cidade celestial. 2) A medida do tempo, determinada antes, também deve ter sido completada. E essas condições são conhecidas apenas por Deus. Na verdade, o fim está próximo, mas somente virá depois do cumprimento dessas condições. O fim não pode vir fora do tempo, antes do cumprimento. Em Baraque 22.7 ele é comparado a uma semente, a uma mulher grávida e a uma casa não acabada:

Ou aquele que planta uma planta, esperará fruto dela antes que tenha crescido e chegue o tempo apropriado? Ou uma mulher que concebeu, não teria ela matado o seu filho se forçasse a sua vinda ao mundo antes do tempo? Ou aquele que constrói uma casa, se ele não a cobrir e a completar, pode chamá-la de casa?"¹⁴

À pergunta de Esdras se a vinda da nova era não poderia ser retardada por causa de tanta impiedade neste mundo, o anjo respondeu: "Vai e pergunta a uma mulher grávida, quando completou os nove meses, se seu ventre poderá guardar por mais tempo a criança contida nele" (2 Esdras 4.40).¹⁵

Assim como nada poderá retardar o nascimento de uma criança se seu tempo tiver sido completado, assim também nada poderá retardar a vinda da nova era, se seu tempo tiver sido cumprido.

6 Idem, ibidem, p. 580

7 Idem, ibidem, p. 580-581

8 Idem, ibidem, p. 588

9 Idem, ibidem, p. 590

10 Idem, ibidem, p. 581

11 Idem, ibidem, p. 581

12 Idem, ibidem, p. 579

13 Idem, ibidem, p. 567

14 Idem, ibidem, p. 495

15 Idem, ibidem, p. 567

Ainda que nenhum ser humano seja capaz de calcular a vinda da nova era, encontramos em muitas obras apocalípticas a tentativa na qual empregaram uma série de números com combinações criptográficas. A duração é acuradamente determinada por Deus e nenhum cálculo humano pode penetrar nos seus segredos. Somente Deus sabe quando o número dos justos e a medida determinada do tempo estiveram cumpridos.¹⁶

Analisamos assim as características principais da literatura apocalíptica. Separadamente, podemos encontrar esses elementos também em literaturas não-apocalípticas, como, por exemplo, o dualismo das duas forças sobrenaturais, as duas eras etc., mas quando esses elementos se encontram combinados como mostramos acima, então eles formam o padrão essencial da literatura apocalíptica.¹⁷

Há ainda outras características que encontramos frequentemente na literatura apocalíptica, mas não são essenciais a ela e também podem aparecer em outros tipos de literatura de caráter profético ou escatológico. São as características secundárias que alinharemos a seguir.

B. As Características Secundárias:

1. Visões ou revelações. Em geral, as obras apocalípticas apresentam experiências visionárias e seu nome, como vimos, deriva de *apocalipse* que é uma transliteração de uma palavra grega empregada para visão ou revelação. Há algumas obras apocalípticas como o livro de Lactando *Institutos Divinos* e a *Saga Armênia do Anticristo* que não são apresentadas numa forma visionária. Do outro lado, há visões em outras obras não apocalípticas como Ezequiel, o *Testamento de Abraão*, 2 Co 12.1-4 (que relata a visão de Paulo do terceiro céu), o *Pastor de Hermas*, etc.

2. Pseudonímia. Também esta característica não é primariamente apocalíptica. É verdade que a maioria dos livros apocalípticos são pseudonímicos, mas há também exceções tais quais o sétimo livro de Lactância *Institutos Divinos* e o Apocalipse de São João. R. H. Charles atribui ao encerramento do cânon, a razão por que tantos atribuíram a sua obra a um ilustre antecedente, porque então não havia um caminho aberto a um novo escritor de encontrar audiência. Mas Charles acha que as coisas eram diferentes entre os cristãos. Eles não consideraram a profecia como havendo silenciada e, durante muito tempo, não houve um cânon encerrado do Novo Testamento. Por isso João escreveu o Apocalipse em seu próprio nome.¹⁸

3. Simbolismo. Posto que a literatura apocalíptica apresente uma abundância de símbolos fan-

tásticos e bizarros, essa característica não lhe é essencial e ocorre também em obras não-apocalípticas. O diabo, simbolizado por um dragão, Leviatã ou serpente, aparece em Jó, nos Salmos, Isaías, Ezequiel, etc. O carneiro, usado como símbolo de poder e domínio, ocorre também em Ezequiel, e o uso de feras selvagens e aves de rapina para simbolizar as nações dos gentios pode ser encontrado em Ezequiel, Jó e Provérbios. Também o simbolismo dos números aparece em profetas tais quais Ezequiel e Zacarias.

4. A presença ou a ausência do Messias. Essa característica também não é determinante. Embora a figura do Messias seja encontrada em todos os apocalipses cristãos não aparece em todos os apocalipses judaicos. O conceito do Messias entrou nas expectativas judaicas antes da introdução da literatura apocalíptica e às vezes foi associado com esperanças proféticas ou com o conceito do reino de Deus. Há escritos apocalípticos em que a nova era é governada por um Messias ou mesmo por dois, mas há outros em que a figura do Messias nem é mencionada e Deus é o governante da nova era. Assim a figura do Messias não pode ser considerada um elemento essencial do padrão apocalíptico.

5. O anticristo ou anti-Messias também não é um elemento essencial do padrão apocalíptico. Ocorre em alguns escritos apocalípticos e em outros não. Com ele é associado o símbolo de Gogue e Magogue que tem sua origem em Ezequiel 39, onde é aplicado a uma profecia e não a um apocalipse. Esse símbolo foi também desenvolvido em fontes não apocalípticas tais quais os Targums Aramaicos e o Asatir Samaritano. Foi considerado um elemento apocalíptico porque se encontra em numerosos escritos apocalípticos. E, contudo, apenas uma feição secundária e foi adicionado ao padrão apocalíptico.

6. Outras feições secundárias como a cena do julgamento, a conversão dos gentios, uma angelologia elaborada, listas estereotipadas dos assim chamados ais messiânicos encontram-se em alguns apocalipses, mas faltam em outros. Por serem encontradas também em obras não-apocalípticas, não podem ser consideradas características primárias da literatura apocalíptica.

V. A APOCALÍPTICA E O NOVO TESTAMENTO

E. Kaesemann vê na apocalíptica a mãe da teologia cristã.¹⁹ Também outros eruditos vêem muitas afinidades entre o movimento cristão e o apocalíptico. Não há dúvida que a linguagem dos apocalípticos tenha influenciado a dos cristãos, especialmente a do Novo Testamento. Mas não é verda-

16 Paul-Gerhard Mueller, "Entstehn und Anliegen der Apokalyptik," in *Bibel und Kirche*, V. XXIX, XXX, 1974-75, p. 125.

17 Martin Rist, "The Apocalyptic Pattern, in *The Illif Review*, V. I-III (1944-46), p. 18

18 Leon Morris, *op.cit.*, p. 50.

19 Idem, *ibidem*, p. 9.

de que o movimento apocalíptico é largamente responsável pelo aparecimento do cristianismo ou que os escritos do Novo Testamento são essencialmente apocalípticos em caráter. Focalizemos agora os passos que, de acordo com a opinião de muitos críticos, receberam a maior influência dos escritores apocalípticos, a saber, Marcos 13 e o Apocalipse de São João.

A. Marcos 13

Marcos 13 é por muitos considerado um espécime da apocalíptica judaica. Consideram-no o *Pequeno Apocalipse*. Os que sustentam essa teoria, dizem que um apocalipse judaico anterior foi combinado com um material cristão específico para a redação do texto atual.

Não há dúvida que existem algumas semelhanças impressionantes como a descrição da catástrofe final, os assim chamados ais, as fomes e guerras e rumores de guerra, o horror culminante com "o abominável da desolação situado onde não deve estar" (Mc 13.14), e finalmente a aparição do Filho do Homem nas nuvens do céu. Tudo isso soa semelhante à linguagem dos autores judeus apocalípticos.

No entanto, existem também diferenças marcantes. O discurso é feito na segunda pessoa do plural do imperativo e não na primeira pessoa singular do indicativo como geralmente acontece nos escritos apocalípticos dos judeus, onde o autor conta o que viu e ouviu. E Marcos 13 consiste numa exortação e não num relato apocalíptico. Não é seu propósito transmitir informação esotérica, mas manter fé e obediência. Embora contenha muito material a respeito das últimas coisas, a ênfase não está nelas, mas em seguir a Jesus, com lealdade. E há completa ausência de certos temas apocalípticos como a guerra santa, o aniquilamento de Roma, os sentimentos de ódio e vingança, o sensual e terreno retrato da salvação, o domínio sobre os gentios, Jerusalém como capital da nova era, a derrota de Satanás e a destruição do mal.

E não há apenas a falta de tais elementos apocalípticos como também certas notas discordantes. Ocorre a idéia de que o próprio Israel será atingido pela catástrofe e particularmente de que o templo vai correr perigo.

Leon Morris faz uma observação final a respeito desta matéria e diz:

O assunto deve ser claro. Que a linguagem deste capítulo foi influenciada pela dos apocalípticos é um fato, mas que ele simplesmente representa um outro apocalipse é outra questão. Temos aqui um fenômeno que perpassa todo o Novo Testamento. O escritor cristão mostra que ele está familiarizado com as idéias e a terminologia apocalíptica, mas ele não es-

creve como um representante do apocalipcismo. Ele escreve de seu próprio ponto de vista distinto.²⁰

B. O Apocalipse de São João

Há, sem dúvida, muitas semelhanças entre este livro e os outros escritos apocalípticos. Há a luta cósmica entre as forças do bem e do mal, a expectativa de um novo céu e nova terra, a ênfase sobre anjos e sobre revelação feita por seres celestes, o caso do simbolismo, etc. Mas há também algumas diferenças notáveis. João não vê esta era como dominada completamente pelo mal. Para ele a história é a esfera em que Deus realizou a redenção, o Cordeiro domina o livro inteiro. Cristo já conquistou a vitória através de sua morte, que é um acontecimento na história. Seu povo participa de seu triunfo, tendo vencido a Satanás "por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram" (Ap 12.11). O pessimismo que adia a atividade salvadora de Deus até ao fim está ausente.

Devemos, por isso, ser cautelosos e não classificar Marcos 13 e o Apocalipse de João na literatura apocalíptica. Também todas as outras passagens do Novo Testamento que parecem apresentar temas apocalípticos são diferentes. Embora mantenham alguma conexão com a literatura apocalíptica, são, contudo, inteiramente diferentes em seus propósitos e métodos de modo que o apocalipcismo não pode ser considerado como a mãe da teologia cristã.

CONCLUSÃO

Vimos assim que não é fácil determinar com exatidão a origem da literatura apocalíptica porque é tão variada e multiforme. Concordamos com Hanson que está arraigada no profetismo israelita e recebeu muitas influências de fora. No entanto, mais tarde no período pós-exílico, sob as tensões internas e as pressões externas, este tipo de literatura evoluiu para um padrão próprio cujas características principais se diferenciaram inteiramente do profetismo. Essas características distintivas consistem no ponto de vista de que este mundo é mau e corrupto sob o controle de Satanás e que Deus apenas intervirá no fim desta era, quando a destruirá e estabelecerá uma nova ordem em um mundo perfeito, sob seu controle absoluto. Esse conceito das duas eras e dos dois mundos é fortemente influenciado pelo dualismo iraniano. O critério, no julgamento, aplicado a todos que desfrutarão este novo mundo, será a sua lealdade a Deus e às exigências ritualísticas do culto. O tempo do advento da nova era só Deus sabe e está determinado por duas condições: O preenchimento final do número dos justos e o cumprimento do tempo, previamente determinado. Todas as outras caracte-

20 Idem, ibidem, p. 77.

rísticas tais quais visões, pseudonímia, simbolismo, presença ou ausência do Messias, o anticristo, etc., são secundárias e podem ser encontradas também em outras espécies de literatura não-apocalíptica. No final, comparamos o movimento apocalíptico com a teologia cristã e concluímos que é diferente em qualidade, ainda que há algumas semelhanças em alguns passos do Novo Testamento como Marcos 13 e o Apocalipse de João. Há, contudo, não apenas algumas diferenças marcantes na forma da apresenta-

ção da mensagem como também nos seus propósitos e métodos.

Concluímos com a observação de C. Ryder Smith que constatou que na literatura apocalíptica não consta a doutrina da salvação de pecadores, e nenhuma idéia de que Deus encontrará algum caminho pelo qual homens maus se tornem bons. Sua idéia dominante é que Deus salvará os homens bons das aflições e não que ele salvará os homens maus do pecado.²¹

BIBLIOGRAFIA

- CHARLES, R. H. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. Oxford: At the Clarendon Press, 1968.
- CORSANI, Bruno, "L'Apocalittica," *Protestantissimo* 27 (1972: 15-22).
- FROST, Stanley Brice. *Old Testament Apocalyptic*. London: The Epword Press, 1952.
- GLASSON, T. Francis. *Greek Influence in Jewish Eschatology*. London: S. P. C. K., 1961.
- KLAUS, Koch. *The Rediscovery of Apocalyptic*. Naperville, 111: Aleg R. Allenson Inc., 1970.
- _____. *Ratios vor der Apokalyptik*. Gerd Mohn: Guetersloher Verlagshaus, 1970.
- LECKIE, J. H., "Beauties of Apocalyptic Literature," *The Expositor* 19 (1920): 381-400.
- MARRIS, Leon. *Apocalyptic*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1972.
- RIDDLE, Donald W., "From Apocalypse to Martyrology", *Anglican Theological Review* 9 (1926-27): 260-280.
- RIST, Martin. "The Apocalyptic Pattern," *The Illif Review* 1-3 (1944-46): 15-21.
- ROWLEY, H. H. *The Relevance of Apocalyptic*. London: Lutherworth Press, 1952.
- SCHMIDT, Johann Michael. *Die Juedische Apokalyptick*. Neukirchen: Neukirchener Verlag des Erziehungsvereins, 1969.
- SCHMITHALS, Walter. *Die Apokalyptik. Einfuehrung und Deutung*. Goettingen: Vandenhock & Ruprecht, 1973.
- STAUFFER, Ethelbert, "Das Theologische Weltbild der Apokalyptik," *Zeit fuer Systematische Theologie* 8 (1931): 201-215.
- _____. *The Enciclopédia Americana*. International Edition, VI.2. New York: American Cooperation International Headquarters.
- WINSTANLEY, Edward William, "The Outlook of Early Christian Apocalypse", *The Expositor* 19 (Series 8): 161-184.

21 Idem, ibidem, p. 84.

Una Definición Provisional de la Educación Teológica por Extensión

F. Ross Kinsler *

I. INTRODUCCIÓN

Personas que son nuevas al concepto de extensión siguen preguntando, ¿Qué es educación teológica por extensión? Los que están involucrados en el movimiento de extensión vuelven a reflexionar una y otra vez sobre las bases y la naturaleza de sus programas. El presente artículo es una expresión más de este proceso de definición, preparado especialmente para discusión en grupo entre facultades de seminarios, en consultas teológicas, y en talleres sobre extensión.

En una consulta de ASIT en Chile se vio que no hay ninguna definición sencilla y exacta de la educación teológica por extensión; tampoco existe una clara distinción entre extensión y programas de residencia en América Latina hoy día. Ahora hay muchas diversas adaptaciones de extensión; se ha combinado residencia con extensión en varias maneras; y muchos programas de residencia han roto los moldes tradicionales. Por todos lados se nota una sensibilidad mayor hacia las preocupaciones de la contextualización y una aceptación cada vez mayor de las nuevas alternativas.

Es provechoso considerar la educación teológica por extensión como un movimiento y una visión más bien que una técnica o un sistema específico. Desde el principio había peligro de que extensión se convirtiera en una fórmula fija, otra tradición para encerrarnos o para complementar el sistema de residencia que había dominado por tanto tiempo. Muchas veces las definiciones limitan; su función es cercar y excluir. Nuestra intención aquí es elaborar una definición provisional de extensión que servirá para retar y liberar y no polarizar ni encerrar.

II. EL PROPÓSITO DE LA EDUCACIÓN TEOLÓGICA POR EXTENSIÓN

Durante la breve historia del movimiento de extensión ha persistido y predominado un propósito común: extender los recursos de la educación teológica a los líderes en funciones y en potencia en las congregaciones. Dentro de esta meta general se han expresado muchas diversas razones, y estos argumentos merecen más discusión de lo que se permite aquí. Pero cualesquiera que sean las razones específicas para cada programa de extensión, la visión que todos comparten es *estimular y ayudar a los líderes*

locales a desarrollar sus dones y sus ministerios sin abandonar sus hogares, su empleo, sus comunidades, y sus congregaciones.

A. Este propósito ha sido expresado *en términos pragmáticos y numéricos*. Tenemos que llevar nuestros programas de capacitación a los líderes locales porque no pueden llegar a nuestros seminarios e institutos. O, podemos alcanzar a más estudiantes, y es más probable que alcancemos a los líderes si llegamos a las congregaciones. Este argumento es muy importante, especialmente si está ligado a los otros puntos que siguen, pero puede dar la impresión de que extensión es una manera provisional o secundaria de hacer la educación teológica.

B. Otros han luchado por afirmar la validez o aún la superioridad de extensión como *un sistema alternativo de educación teológica*. Utilizando argumentos ampliamente aceptados entre educadores especializados, afirman que el verdadero aprendizaje tiene que integrar teoría y práctica creativamente, que maestro y alumnos tienen que relacionarse como personas y como iguales complementarios, que el aprendizaje toma lugar en toda la vida y muchas veces es más efectivo fuera de nuestras instituciones académicas. Estos conceptos en si no hacen que los programas de extensión sean efectivos, pero sugieren que el movimiento de extensión tiene grandes posibilidades porque estos conceptos pueden aplicarse en una manera mucho más natural en extensión que en programas tradicionales.

C. Una de las preocupaciones básicas de los partidarios de extensión ha sido *la naturaleza del ministerio*. El sistema Occidental de educación teológica ha proyectado un modelo profesional del ministerio, el cual coloca a los no capacitados en un plano muy secundario. En América Latina esta tendencia se agrava más por la tradición católico-romana que predomina y que todavía mantiene un gran divorcio entre el clero y el laico. Y a través del Tercer Mundo la educación, inclusive la educación teológica, juega un papel cada vez más preponderante en la formación de elites. Extensión puede cambiar estas tendencias puesto que abre la puerta de la educación teológica y del ministerio a todos, no solo a candidatos de alto nivel para el ministerio profesional.

D. Otro pensamiento parecido a favor de extensión es *el argumento ideológico*. En todas partes del mundo encontramos estructuras jerárquicas de poder y privilegio, basadas en raza, riqueza, clase social, tecnología, y educación. En nuestras iglesias esta situación se repite y se agrava con los sistemas tradicionales de educación teológica, ordenación, y la

* **Extraído de *Theologia* - Seminario de Extensión, boletín informativo, número 3, 1976.**

autoridad única del clero - entre católico-romanos, protestantes, iglesias independientes, y pentecostales. La gran mayoría de los miembros en casi todas las denominaciones son del proletariado, pero las estructuras eclesiásticas son dominadas por el clero y se identifican por lo general con las clases opresoras. Si extensión abre la puerta de la educación teológica a los líderes naturales de todas las congregaciones, el ministerio debe empezar a reflejar las preocupaciones y servir las necesidades de las masas.

E. El movimiento de extensión abarca ahora muchas posiciones eclesiásticas e ideológicas e incluye muchas diferentes preocupaciones, pero comparte una visión para la renovación del ministerio de toda la iglesia para poder realizar su misión. Su propósito no está ligado a las instituciones teológicas como tales ni aún con la iglesia como un fin sino más bien con la movilización de la iglesia para cumplir su misión en el mundo. Entre tanto persiste esta visión, los conceptos y las formas del movimiento de extensión tendrán que sujetarse constantemente a la crítica y al cambio. Apenas hemos empezado a alcanzar e incorporar a los líderes de todas nuestras congregaciones locales en la educación teológica... para el ministerio... en la misión de la iglesia.

III. VARIAS DIMENSIONES DE LA EDUCACIÓN TEOLÓGICA POR EXTENSIÓN

Debemos tener presente varias diferentes dimensiones en la realización del propósito de la educación teológica por extensión. La más obvia es la dimensión geográfica, pero esta no es la única ni la más importante. Cada programa de extensión debe analizar y responder a las necesidades de liderazgo en todas las siguientes dimensiones. Nuestro propósito es extender nuestros recursos para la educación teológica en todas estas maneras.

A. *Geográficamente.* Si queremos alcanzar a los líderes de todas nuestras congregaciones sin sacarles de su ambiente, es obvio que tenemos que descentralizar nuestros programas de entrenamiento. Centros de extensión deben colocarse dentro de una distancia razonable de todas las congregaciones.

B. *Cronológicamente.* No solo tienen que colocarse los centros de extensión cerca de los alumnos; las reuniones o clases tienen que ser programadas a las horas cuando estos pueden asistir. Tienen su empleo o son amas de casa o asisten a otras instituciones. Algunos son obreros y pastores y están muy ocupados los fines de semana. Los que viven en el campo a menudo son auto-empleados y pueden reunirse entre semana; los de las ciudades se podrán reunir en las noches.

C. *Culturalmente.* En muchos casos un programa de extensión sirve a iglesias urbanas y rurales, y los alumnos pueden ser de varias sub-culturas. Los materiales didácticos pueden ser los mismos,

pero las reuniones en los centros tienen que adaptar el contenido de los estudios a las necesidades, las costumbres, el lenguaje, y las formas de pensar de cada grupo. Los maestros tienen que moldearse a cada situación local y estimular amplia discusión entre los alumnos para asegurar que los estudios sean integrados a su comprensión y aplicados en su ministerio efectivamente.

D. *Académicamente.* Idealmente, los programas de extensión deben ofrecer los cursos teológicos en todos los niveles académicos representados en las iglesias que están sirviendo. En muchos casos esto significa que es necesario agregar niveles más altos como también niveles más bajos de lo que ha sido tradicionalmente la norma. Dos problemas surgen aquí: Como proveer materiales y personal para una gama tan extensa y como evitar las pretensiones y los prejuicios entre alumnos y graduados de los diferentes niveles. Un principio esencial de la filosofía de extensión ha sido la paridad funcional de diferentes niveles académicos; los alumnos de todos los niveles tienen que recibir igual reconocimiento para el ministerio. Los materiales pueden ser adaptados o producidos separadamente para los diversos niveles. A medida que captan el propósito de la renovación y la misión, los alumnos deben apreciar la diversidad de sus colegas y comprometerse a un ministerio común.

E. *Socialmente.* Como corolario de los puntos anteriores, programas de extensión incluyen a personas de todas las clases sociales y todos los niveles económicos. Es importante notar, sin embargo, que estos programas no son por lo general los medios de superación social económica. Al contrario estos programas de extensión sirven a personas que han establecido ya su lugar en la vida por medio de un oficio no religioso, que se sostienen mientras realizan sus estudios teológicos, y que no están pensando encontrar una mayor remuneración en el ministerio profesional. Así es que programas de extensión pueden capacitar teológicamente a personas profesionales que raras veces entran a un seminario tradicional y también pueden evitar el problema del sostén de graduados de alto nivel, especialmente en los países del Tercer Mundo, donde casi no existen sueldos para pastores en este nivel.

F. *Eclesiásticamente.* Tradicionalmente, las instituciones teológicas han aceptado solo candidatos para ministerios de tiempo completo, principalmente el pastorado, puesto que el costo es elevado y el espacio limitado, y solo tales candidatos podrían apartarse para asistir a estas instituciones. Todo esto cambia con extensión; ancianos y diáconos y miembros ordinarios pueden "entrar" tan fácilmente como los candidatos ministeriales. Algunos programas de extensión han sido establecidos primordialmente para obreros, pastores, y candidatos; otros se pre-

sentan como programas para laicos. Si nuestro propósito es ampliar el concepto del ministerio y renovar el ministerio de toda la iglesia, es mejor que los laicos participen al lado del clero.

G. *Numérica, ideológica, y teológicamente.* Utilizando los mismos recursos, programas de extensión alcanzan un número mucho más grande de estudiantes de lo que las instituciones tradicionales pueden atender. Y abarcan una representación mucho más amplia del liderazgo de las iglesias: personas mayores tanto como jóvenes, mujeres tanto como hombres, laicos tanto como candidatos para el ministerio y obreros, personas de todos los niveles académicos, sub-culturas, y grupos socio-económicos. Este interés no es meramente cuantitativo sino también ideológico y teológico. El ministerio debe involucrar todo el cuerpo de Cristo y servir todos los sectores de la sociedad. La educación teológica por extensión facilita la formación del ministerio del pueblo, por el pueblo, y para el pueblo.

IV. TRES ELEMENTOS ESENCIALES EN LA EDUCACIÓN TEOLÓGICA POR EXTENSIÓN

No existe ninguna fórmula mágica para la educación teológica por extensión, pero cada programa debe incluir e integrar estos 3 elementos: materiales auto-didácticos para el estudio individual, trabajo práctico en las congregaciones, y encuentros o seminarios regulares. Estos 3 elementos son esenciales para la efectividad de extensión como un sistema de aprendizaje, especialmente como partes interrelacionadas.

A. *Materiales auto-didácticos* son esenciales para los alumnos de extensión puesto que tienen que obtener el contenido básico de sus cursos por sí solos. Por lo general las clases de extensión se realizan una vez por semana o menos frecuente y el poco tiempo disponible (una a 3 horas) no puede desperdiciarse impartiendo información. Los profesores de extensión han hecho grandes esfuerzos para preparar y colocar en manos de sus estudiantes no solo libros de texto sino también manuales de trabajo que los guían efectivamente por los puntos importantes hacia sus objetivos. Por un lado la tecnología de la educación ha ayudado en la definición de objetivos, en identificar las capacidades de los alumnos, en ordenar secuencias de aprendizaje, y en evaluar estos materiales. Por otro lado se está notando cada vez más el significado de los procesos no-impresos y no-formales, especialmente entre personas con limitada capacidad de leer. La búsqueda de procedimientos y materiales auto-didácticos más efectivos sigue.

B. En muchos lugares extensión ha tenido éxito primordialmente debido a que los alumnos están tan involucrados en el *trabajo práctico* en sus propias congregaciones. Esto no fue planeado sino se dio por sentado, porque los alumnos son los líde-

res, muchas veces los pastores funcionales, de sus iglesias. Sin embargo, habrá que reflexionar más sobre el uso efectivo del trabajo práctico en la formación de los alumnos de extensión y en el desarrollo del currículo de extensión. Naturalmente los alumnos de extensión levantan preguntas pertinentes y aplican directamente sus cursos mientras estudian, pero algunos programas de extensión hacen caso omiso de esta relación valiosísima entre la teoría y la práctica.

C. El tercer ingrediente esencial en los sistemas de aprendizaje por extensión es *el encuentro o seminario regular* en cada centro de extensión. Una función importante de las reuniones en los centros es proveer comunión e inspiración para los alumnos y los maestros de extensión. Otra es motivar y clarificar y confirmar los estudios. Otra es integrar el contenido de los cursos y los problemas prácticos de la obra por medio de la discusión. La expresión y el intercambio de ideas y experiencias agrega una dimensión importante para la formación de los estudiantes y es algo que no puede reproducirse en hojas impresas ni dejarse al alumno solo. Las reuniones en los centros son en realidad el corazón del programa; la efectividad de los otros 2 elementos (los materiales auto-didácticos y el trabajo práctico) depende en gran parte de lo que sucede en las reuniones breves pero vitales entre alumnos y profesores en cada centro. Por lo general los programas de extensión han descubierto que la mejor frecuencia para estas reuniones es una vez por semana, porque permite que alumnos que trabajan cubran una parte razonable de la materia y también les da un estímulo regular para el estudio diario por encima de todas sus responsabilidades ordinarias. Se toma por sentado que los alumnos de extensión tienen que mantener una constante disciplina de estudio en casa para poder participar efectivamente en las reuniones en los centros y para poder progresar efectivamente hacia sus objetivos de aprendizaje.

V. EXTENSIÓN Y OTROS TIPOS DE EDUCACIÓN TEOLÓGICA

Para la definición de educación teológica por extensión puede ser útil comparar y distinguir varios otros tipos. Aunque los seminarios e institutos bíblicos residenciales han sido aceptados como la norma o la regla para el entrenamiento teológico completo, otros sistemas de capacitación de líderes siguen siendo usados extensamente en el Tercer Mundo: cursos por correspondencia, institutos breves, y clases nocturnas. Ahora vamos a trazar algunos contrastes con el fin de destacar las diferencias generales y no para prejuzgar uno ni otro tipo. En situaciones muy diversas cada tipo puede llegar a ser la única o la mejor manera de realizar la educación teológica. Es muy probable que en el futuro veamos más combinaciones e intercambio entre estos y otros tipos.

A. *Programas de residencia* por lo general sa-

can a los alumnos de sus diversos contextos normales e imparten los estudios por períodos largos e intensivos en algún lugar céntrico. El entrenamiento mismo es el interés principal de los alumnos durante 2, 3, o más años, y en su mayoría son jóvenes solteros que se están preparando para trabajo de tiempo completo en la iglesia. *Programas de extensión* no cortan a los alumnos de sus comunidades, congregaciones, empleo, y familias. El entrenamiento se ajusta a su vida cotidiana y se agrega a todas sus demás responsabilidades y puede continuar por 5 a 15 años o más. Por lo general los alumnos trabajan tiempo completo en algún empleo secular o en sus congregaciones, y muchos de ellos son personas mayores y líderes maduros. Pueden ser candidatos para la ordenación pastoral o no, para un ministerio tiempo completo o no.

B. *Cursos por correspondencia* se ofrecen a toda clase de personas, pastores y obreros y también miembros ordinarios y aún personas que no son miembros, a veces en grandes cantidades. No sacan a los alumnos de sus situaciones normales, pero tampoco proveen ningún contacto personal además de la página impresa o en algunos casos cassettes. Por eso ofrecen poca oportunidad para clarificar, adaptar, ampliar, o discutir el contenido de los cursos para la comprensión individual o grupal. A menudo, pero no siempre, estos cursos son muy sencillos, y el porcentaje de los que se retiran es muy elevado. *Programas de extensión* dependen mucho de los materiales impresos, pero también proveen contacto personal regular entre cada grupo de estudiantes y sus profesores. Esto facilita mayor profundidad y adaptación de los cursos, permite más motivación y clarificación para los alumnos, y facilita la integración de teoría y práctica, y añade la vital dimensión interpersonal en la experiencia del aprendizaje.

C. *Institutos breves* varían mucho en cuanto a tiempo, contenido, y metodología. Los alumnos se reúnen en algún lugar céntrico, pero no son cortados de sus familias, empleo, comunidades, y congregaciones. El estudio puede ser teórico o práctico o ambos, pero por lo general no se ofrece ni se mantiene el estudio ni la aplicación de lo aprendido a largo plazo. Los institutos breves pueden alcanzar una amplia selección de líderes locales, pero por lo general no les dan suficiente entrenamiento ni acreditación para poder llegar a ser reconocidos como pastores. *Programas de extensión* reúnen a los alumnos regularmente en centros locales y proporcionan materiales para el estudio diario en casa para asegurar el estudio continuo a través del año o casi todo el año. Muchos de estos programas ofrecen entrenamiento ministerial completo, y los que son candidatos pueden ser ordenados como pastores al graduarse.

D. *Escuelas bíblicas nocturnas* son muy comunes en algunos países, especialmente en áreas urbanas. Alcanzan a grandes cantidades de estudiantes; muchos de ellos son personas mayores, casadas,

y empleadas; algunos son los líderes de sus congregaciones. Las clases se realizan 2 a 5 noches por semana por 2 o 3 horas. Puesto que los alumnos utilizan la mayor parte de su tiempo disponible para ir y asistir a las clases, poco tiempo les queda para el estudio independiente. Por lo general escuchan a sus profesores, sacan notas sobre las conferencias, y las memorizan para los exámenes. *Programas de extensión* proveen el contenido básico de los cursos en forma de materiales auto-didácticos. Las sesiones semanales en los centros no son para impartir información sino para discutir los asuntos centrales y los problemas de los alumnos a medida que avancen por estos materiales, procurando relacionarlos con sus propias vidas y su ministerio.

VI. ALGUNOS EJEMPLOS O MODELOS DE EDUCACIÓN TEOLÓGICA POR EXTENSIÓN

Sin duda hay muchas diferentes adaptaciones y combinaciones posibles dentro de la educación teológica por extensión. En la consulta de ASIT en Chile el grupo que trabajó sobre una definición de extensión sugirió varios modelos y recomendó ciertas pautas para evaluar estos modelos. Quizás futuros talleres y consultas puedan llevar adelante esta tarea. Mucho puede aprenderse de la gran diversidad de programas de extensión que están funcionando ya. Lo que sigue son unos ejemplos seleccionados de más de 250 programas de extensión en 60 países alrededor del mundo, casi todos los cuales han empezado durante los últimos 5 a 10 años.

A. El programa de extensión más comentado es el Seminario Evangélico Presbiteriano de Guatemala, que tiene una sede central con el núcleo de la facultad, la administración, y el equipo de publicación, todo dedicado al trabajo de extensión. Los miembros de la facultad, que viven en la sede o en otro lugar, visitan los centros semanalmente para sesiones de 2 o 3 horas, y se llevan a cabo concentraciones generales de alumnos 2 o 3 veces al año en la sede. Este tipo de extensión es bastante común, pero pocas instituciones han dispuesto eliminar sus programas de residencia en favor de extensión. Muchos programas de extensión sirven áreas 2 a 10 veces más grandes y con pocas carreteras.

B. Muchos seminarios e institutos bíblicos han agregado programas de extensión a sus programas residenciales. En Colombia, por ejemplo, el Seminario Bíblico Unido en Medellín, el Instituto Bíblico Bethel de Armenia, y el Centro Bíblico del Caribe en Sincelejo mantienen programas paralelos de residencia y extensión. En algunos lugares extensión atiende un nivel académico inferior; en otros, extensión alcanza niveles más altos y más bajos que el nivel del programa residencial. En la mayoría de estos casos extensión causa más cargos para el mismo personal de residencia y más presión sobre presupuestos li-

mitados. Por estas y otras razones extensión puede resultar el programa menos atendido y apreciado.

C. Extensión y residencia han sido combinados en varias maneras distintas. El Centro Evangélico Unido en México, por ejemplo, ofrece entrenamiento ministerial básico por extensión al nivel secundario; alumnos excepcionales son invitados a realizar estudios avanzados en el plantel al nivel universitario. Otros programas de extensión descubren que alumnos se interesan en estudios adicionales y van a las escuelas residenciales. Algunos han señalado que el movimiento de extensión puede muy bien dar nueva vida a las instituciones de residencia, aumentando el número de candidatos y enviando alumnos más maduros y más comprometidos. Existe el peligro, sin embargo, que esta relación fomente la idea de que extensión es solo un paso hacia un entrenamiento mayor y más acreditado.

D. Algunos programas de extensión han tenido que adaptar el modelo de Guatemala para servir áreas geográficas vastas. El Instituto Bíblico Eduardo Lane, por ejemplo, atiende una región de 120.000 millas cuadradas en el centro de Brasil. El personal central no puede visitar semanalmente a todos los centros de extensión, aún con la ayuda de avionetas. Pastores y otras personas calificadas sirven de tutores en los centros, y la facultad los supervisa por medio de visitas mensuales y correspondencia.

E. El Seminario Teológico Jorge Allan en Bolivia también abarca una región enorme y tiene más complicaciones con diferencias geográficas, culturales, y lingüísticas. El trabajo está organizado en distritos, y equipos han surgido en varios lugares para atender la preparación de materiales y la enseñanza en los centros.

F. La Iglesia Evangélica Peruana ha mantenido por años varios institutos bíblicos que ofrecen períodos cortos e largos de estudio en residencia en diferentes partes del país. Ahora el comité nacional de educación Cristiana espera utilizar estas bases para extender su nuevo programa de extensión a través de los presbiterios bajo la dirección de un coordinador nacional.

G. En la india TAFTEE ha logrado formar facultades locales mayormente voluntarias para sus 25 centros muy distantes, cada uno bajo un decano o coordinador nombrado localmente. Otro aspecto prometedor es el uso de estudiantes del nivel superior para enseñar en los otros niveles como parte de sus requisitos. Si cada uno de los actuales 350 alumnos al nivel universitario enseñará a 10 personas más, se podría empezar a enfrentar la enorme necesidad de entrenamiento para los miles de congregaciones en la india.

H. El programa de extensión de los bautistas conservadores en el norte de Honduras enfatiza el significado de la enseñanza o el discipulado en la

formación de sus alumnos. Desde el principio cada alumno tiene que enseñar a otro o a varios y capacitarle a enseñar a otros. Esta cadena está enfocada en la formación de nuevas congregaciones, y esta es la tarea principal de cada alumno.

I. La Iglesia Apostólica de México está lanzando una serie de programas de extensión bajo su departamento de educación y un coordinador nacional de extensión. Estos programas se han proyectado para alcanzar objetivos específicos, por ejemplo la formación de maestros de escuela dominical y diáconos, la educación continua de pastores, y la preparación de candidatos para el ministerio. Aún se piensa entrenar a maestros de extensión por medio de un programa de extensión, lo cual es muy lógico.

J. El Seminario Bíblico Latinoamericano de Costa Rica, una de las instituciones teológicas más grandes y de mayor influencia y competencia en América Latina, se ha involucrado en el movimiento de extensión en varias maneras creativas. Un comité de extensión, compuesto de profesores y alumnos avanzados, provee consejo, materiales, entrenamiento, y supervisión para programas de extensión en Costa Rica. Se ofrece una especialización en la educación teológica por extensión para los alumnos regulares al nivel de licenciatura. Un nuevo programa, todavía en su etapa experimental, permitirá que individuos y grupos esparcidos a través de América Latina planifiquen y lleven a cabo estudios teológicos de alto nivel pertinentes para sus intereses y necesidades, basados en sus situaciones locales, utilizando recursos locales, con el consejo y la acreditación del Seminario Bíblico Latinoamericano.

K. El Departamento de Educación Teológica del Consejo de Iglesias Sudafricanas está planeando un vasto programa de extensión que unificará los recursos de muchas de las denominaciones principales y ofrecerá entrenamiento ministerial reconocido para líderes locales a través del país. Las iglesias patrocinadoras proporcionarán fondos y personal, inclusive personas que dedicarán su tiempo integral a la enseñanza y la preparación de materiales auto-didácticos. Al principio los estudios se impartirán en 3 niveles académicos, y se organizarán centros en 10 ciudades importantes. Para el primer año se apartarán \$50,000 para la oficina nacional más \$50,000 para la preparación de cursos y \$2000 para cada centro. Una vez iniciado el programa (en 1977), es probable que se amplíe rápidamente a 25 centros, y estos centros tendrán que alcanzar las áreas rurales y formar sub-centros. Será interesante observar el afecto de este esfuerzo masivo en la educación teológica por extensión sobre una sociedad racista tensa.

VII. CONCLUSIÓN

Hemos considerado el propósito de la educación teológica por extensión, varias dimensiones de

la educación teológica por extensión, 3 elementos esenciales en extensión como sistema educacional, una comparación general entre extensión y otros tipos de educación teológica, y algunos ejemplos e modelos de educación teológica por extensión. Cada uno de estos temas requiere bastante discusión en sus aspectos teóricos y prácticos. Estas notas han sido presentadas no como una fórmula fija sino como una definición provisional de la educación teológica por extensión. Cada iglesia e institución debe analizar los asuntos y las posibilidades sugeridos aquí con relación a sus recursos disponibles y sus objetivos o necesidades.

Esta exposición puede ser usada por facultades, consultas, y talleres en varias maneras. Los participantes pueden recibir copias para su estudio individual y luego reunirse para una discusión sección por sección. O cada sección puede ser presentada oralmente y luego ser discutida en grupos. Se puede preparar con anticipación preguntas para la discusión sobre cada sección, o los grupos mismos pueden identificar los asuntos y las preguntas a discutirse. Muchos asuntos y preguntas prácticas sur-

gen inmediatamente del material presentado. Debe hacerse todo lo posible por enfocar directamente las necesidades y las posibilidades de las iglesias y los programas representados. Si algunos de los participantes están trabajando ya en programas de extensión, sus experiencias, problemas, y conceptos deben ser muy útiles.

Cualquier investigación del concepto y movimiento de extensión debe incluir una evaluación crítica. No es suficiente preguntar sobre el propósito de la educación teológica por extensión; tenemos que averiguar si este propósito está siendo alcanzado. No es suficiente considerar las diferentes dimensiones y los elementos de extensión; tenemos que preguntar también hasta qué punto estamos desarrollando estas dimensiones e integrando efectivamente estos elementos. No es suficiente repasar las múltiples posibilidades de la educación teológica por extensión; tenemos que preguntar si nuestra visión está siendo encarnada realmente en entrenamiento efectivo, en la renovación del ministerio, en la movilización de toda la iglesia para realizar su misión.

O Church Growth e sua Adaptação ao Luteranismo

Erní W. Seibert *

INTRODUÇÃO

O crescimento da igreja é um dos temas que sempre preocupa os envolvidos no trabalho das congregações. Acontece que o crescimento sempre é aguardado, em alguma de suas dimensões, seja crescimento quantitativo, seja crescimento qualitativo, seja crescimento na sementeira da palavra de Deus. Este crescimento, por vezes, é difícil de ser medido. Diante disto, a dúvida, a angústia e a insegurança, muitas vezes, tomam conta daqueles que têm por tarefa analisar e planejar o trabalho da igreja. Pergunta-se se os resultados realmente estão sendo significativos, se os métodos e as estratégias são os mais apropriados, e pesquisa-se para saber se não haveriam outras formas mais efetivas para realizar a mesma tarefa de igreja com resultados mais animadores.

É em meio a perguntas e questionamentos desta natureza que surge a teoria do Church Growth (crescimento da igreja), uma teoria que se preocupa com a questão do crescimento da igreja e que tenta munir pastores e congregações com recursos de análise e métodos científicos de trabalho que promovam crescimento.

Biblicamente, há várias passagens que tratam do crescimento da igreja. O livro de Atos dos Apóstolos até documenta com bastante exatidão dados estatísticos que atestam o crescimento numérico da igreja. Mas a Bíblia não se resume a documentar crescimento numérico. Ela fala em crescer na graça, no conhecimento, nas obras, e assim por diante.

A preocupação pelo crescimento da igreja também se faz presente em todas as igrejas que realizam e publicam estatísticas de seu trabalho. Conta-se o número de membros e se espera que este, ano após ano, seja maior. Conta-se o número de ofícios religiosos, de participantes dos mesmos, conta-se a quantidade de ofertas, a quantidade destinada para cada aspecto do trabalho, e assim por diante.

A questão do crescimento da igreja tomou dimensões bem especiais nas missões. O cristianismo tem como característica o testemunhar de sua fé a não-cristãos. A fé cristã crê que o Deus triúno é o único Deus e que seu Filho Jesus Cristo é o único salvador da humanidade. Assim sendo, e em obediência à vontade expressa de Deus, os cristãos sem-

pre estiveram preocupados em testemunhar a sua fé, levando-a aos não-cristãos, para que estes também sejam salvos mediante a fé em Jesus Cristo. Esta preocupação pela difusão do evangelho para a salvação dos que não crêem, é uma das questões que mais tem a ver com o crescimento da igreja. Sabendo-se as taxas de crescimento da população mundial, sabendo-se o total da população mundial, e sabendo-se as taxas de crescimento da igreja cristã, e sabendo-se o total de pessoas cristãs, é possível fazer uma projeção no sentido de saber se de fato todas as pessoas, algum dia, chegarão a ser atingidas pelo evangelho, ou se a igreja, em vez de crescer, na realidade está diminuindo proporcionalmente em todo o mundo.

Esta preocupação de levar o evangelho à todas as nações fez com que surgissem em muitos grupos de cristãos a preocupação com as missões. Sociedades missionárias, métodos missionários, estudos missiológicos foram desenvolvidos. Nem sempre os métodos tinham uma base teológica sadia. Outras vezes a questão teológica era colocada em termos de mínimo necessário. Procurava-se algo que desse certo, que produzisse resultados, que demonstrasse efetivamente resultar em crescimento da igreja. Em meio a isto surgiu a teoria do Church Growth, a qual, daqui por diante, passaremos a designar como nome próprio, em sua língua original.

Aconteceu com o Church Growth o que já havia acontecido com outros movimentos e teorias surgidos. Alguns luteranos, julgando válidas suas preocupações e colocações, e, ao mesmo tempo, reconhecendo que a base teológica da teoria não era absolutamente a melhor, começaram a fazer adaptações desta teoria para a teologia luterana. Seriam válidas estas adaptações? Adaptações de métodos e teoria à teologia luterana não resultariam também na deformação da própria teologia, com todas as conseqüências daí advindas? Com esta preocupação nos propusemos ao presente estudo.

Neste trabalho não pretendemos analisar toda a teoria do Church Growth. A mesma já tem quase três décadas de história. Também não dispomos de toda a literatura que o movimento já publicou. As raízes deste movimento estão na Escola de Missão Mundial do Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, Califórnia, EUA. Seus idealizadores mais significativos são os professores desta escola, Donald McGavran e C. Peter Wagner. Neste trabalho vamos nos ater mais a analisar dois autores, que sendo

* Professor na Escola Superior de Teologia do Instituto Concórdia de São Paulo, SP.

luteranos, são defensores das idéias do Church Growth, e fazem uso das mesmas em seus escritos. São eles o Dr. Waldo Werning, que é conhecido do público brasileiro, por ter obra sua traduzida para o português¹ e o Dr. Kent R. Hunter. Este último tem diversas obras publicadas sobre Church Growth e é o criador e Diretor do "Church Growth Analysis and Learning Center", o qual se preocupa em dar assistência a igrejas que pretendem trabalhar com os princípios desta teoria.

Neste trabalho iremos fazer uma tentativa de colocar o movimento de Church Growth numa perspectiva histórica, iremos analisar seu método prático em confrontação com o princípio teológico, e iremos chamar a atenção para as principais doutrinas envolvidas na teoria do Church Growth, as quais não podem ser deturpadas sob pena de se perder a genuína fé cristã. Também iremos apontar para algumas questões que julgamos positivas no movimento.

CAPÍTULO I

HISTÓRICO

E muito importante, ao se analisar um movimento surgido dentro do cristianismo, conhecer as origens do mesmo.² Via de regra, isto revela muito, porque nos diz se ele surgiu em oposição a alguma idéia, se ele surgiu como apoio a alguma idéia, ou se ele surgiu como modificação de algo. Assim, por exemplo, o estudo histórico da reforma luterana irá nos ajudar a compreender o seu conteúdo. Tem-se uma visão bem mais correta da reforma luterana quando estudamos a mesma dentro da perspectiva histórica.

Hunter, um dos autores em foco neste estudo, preocupou-se em fazer uma interpretação da história da igreja cristã e colocar o Church Growth dentro da mesma. Encontramos, no capítulo III de seu livro *Foundations For Church Growth*, esta tentativa. Ele diz que o crescimento da igreja cristã foi impressionante no primeiro século. Este crescimento era espontâneo e se dava à medida que as pessoas se reuniam diariamente em torno da palavra e dos sacramentos. Pelo quarto século, a igreja havia crescido tanto que penetrava até mesmo nas estruturas do

Império Romano, conquistando a devoção do Imperador Constantino. Aí a igreja tornou-se religião oficial do estado, perdendo muito de sua espontaneidade. Mas ela continuava crescendo, pois sempre que o Império conquistava uma nação, o cristianismo tornava-se a religião oficial.

Do século décimo ao décimo - quarto, o crescimento do cristianismo deveu-se, especialmente, à ação das ordens monásticas, as quais contribuíram em muito para a difusão do evangelho.

No décimo - sexto século, um monge da ordem dos agostinianos, Martinho Lutero, trouxe um movimento que resultou na reforma da igreja. Este movimento, segundo Hunter, restaurou o tema central do evangelho: a salvação por graça, mediante a fé em Cristo. A reforma luterana se caracterizou pela impressão de muito material escrito, como Bíblias e catecismos. Isto foi um estágio preparatório para os esforços missionários do século dezanove.

No século dezanove, pela leitura sobre a natureza e a missão da igreja, surgiram sociedades missionárias, sociedades bíblicas, e missionários, que se espalharam por toda a terra. No entanto, no início do século vinte, dentro do protestantismo, surgiu um movimento liberal da teologia, que colocou como prioridade dentro de muitas igrejas a ação social, em lugar do evangelismo. Também ocorreram problemas nas novas missões, onde, em vez do evangelho, estavam sendo promovidas a cultura e costumes ocidentais, e onde muitas igrejas novas queriam reger a si próprias, sob a resistência das igrejas mães. Além disto, uma onda de nacionalismo varreu o mundo dificultando o relacionamento das igrejas e entravando o movimento missionário.³

Após esta apreciação da história, Hunter diz textualmente:

Into this setting, the Church Growth Movement was born. Today, thousands of Christian people are learning church growth principles and putting them into practice in congregations around the world. The Church Growth Movement is a renewal of God's design for the church. People are seeing the church as a living organism with a mission to the world. The foundations for church growth are being thought and practiced among Christians of every major denomination.⁴

1 Waldo J. Werning, *Chamado à Mordomia*, 2. ed. (Porto Alegre: Concórdia, 1981).

2 Há uma boa introdução sobre a história do Church Growth e sobre aquele que é considerado seu principal idealizador, o Dr. Donald McGavran, no artigo de Elmer Mathias, "This Lutheran Sees Value in Church Growth", *Concordia Journal*, (St. Louis, Missouri: Concordia Seminary, March, 1984), pp. 53-55.

3 Kent R. Hunter, *Foundations for Church Growth* (New Haven, Missouri: Leader Publishing Company, 1983), pp. 54-55.

4 Idem, ibidem, p. 55. Tradução: "Por esta afirmação, o Movimento do Church Growth surgiu. Atualmente, milhares de cristãos estão aprendendo os princípios do Church Growth e colocando-os em prática em congregações em todo o mundo. O Movimento do Church Growth é uma renovação do plano de Deus para a igreja. As pessoas vêem a igreja como um organismo vivo com uma missão para o mundo. Os fundamentos para o crescimento da igreja estão sendo ensinados e praticados entre cristãos de todas as grandes denominações."

Esta interpretação do movimento do Church Growth dentro da história da igreja cristã, feita por um integrante do movimento, demonstra que o mesmo faz de si próprio uma imagem muito boa. Suas pretensões alcançam a totalidade da cristandade. Vêm-se como um novo movimento de reforma na igreja, a complementação prática do que Martinho Lutero teria promovido na doutrina. Diz Hunter:

Where as Martin Luther and the reformers of the 16th century brought about a reformation of theology, many people today believe that the Church Growth Movement is bringing about a reformation in practice. If this is correct, the church today is in the midst of another reformation. The Church Growth Movement doesn't reform the theology of the Reformation. It is based on it. Church growth puts into practice the great truths of Scripture which were emphasized by Luther and the reformers.⁵

Como vemos, Hunter interpreta o movimento do Church Growth como descendente direto do movimento da Reforma feita por Martinho Lutero. Se assim fosse, o Church Growth poderia ser denominado um movimento de reavivamento surgido em consequência da teologia luterana.

A esta interpretação gostaríamos de contrapor algumas considerações. A grande preocupação do Church Growth é o evangelismo. Ele procura colocar o evangelismo como o grande objetivo do trabalho da igreja. É ganhando pessoas para a fé crista que a igreja cresce. Esta preocupação pela difusão da fé é legítima e bíblica. No entanto, a história da igreja tem demonstrado que esta preocupação teve seus desdobramentos no período que seguiu a reforma luterana. Assim sendo, não é absolutamente certo que o Church Growth seria resultante da reforma que Martinho Lutero promoveu na doutrina.

A preocupação luterana, expressa pela teologia luterana, está em confessar com exatidão a mensagem da salvação pela fé em Jesus Cristo, para que todo o que crê em Cristo não pereça, mas tenha a vida eterna. A ênfase está no Cristo Salvador por nós. Os meios da graça, palavra e sacramentos, são fundamentais. Ainda devemos lembrar que a reforma luterana surgiu em resposta à teologia romana que enfatizava a participação humana na obra da salvação, e que promovia o que os confessores luteranos chamaram de terrores da consciência, pois

nunca o cristão tinha certeza de haver feito o suficiente para a salvação.

Quase neste mesmo período começou a surgir o movimento que ficou conhecido como reformado, que teve seu expoente máximo em João Calvino. A ênfase desta teologia já não estava mais tanto no Jesus Salvador por nós, mas na *Glória de Deus*, e no Jesus *Senhor*. A teologia reformada dava também outros valores para o que luteranos consideravam meios da graça de Deus. Não havia a mesma ênfase nos sacramentos e na palavra de Deus não havia sempre a correia distinção entre lei e evangelho.

Com o desenvolvimento da história, dentro do luteranismo surgiu o pietismo, que, de certa forma, abriu algumas portas para o movimento reformado. No pietismo começou a ênfase na fé pessoal, na obediência pessoal ao salvador, o que tirou do centro da fé cristã a objetividade da vida e obra de Cristo por nós, abrindo o campo e colocando o centro na experiência pessoal, subjetiva.

Dentro do campo reformado, foram se desenvolvendo os que hoje são chamados de evangélicos. Eles, dando ênfase ao evangelismo, desenvolveram diversos métodos para realizar esta obra de evangelização. Foram os responsáveis pelo surgimento das grandes cruzadas evangélicas, pelo aparecimento de grande pregadores carismáticos, pelo chamado "Plano Kennedy de Evangelismo" e outros. Muitas vezes, luteranos, admirando-se dos resultados destes métodos, procuraram aprendê-los e adaptá-los para a teologia luterana.⁶

Dentro desta realidade reformada e não luterana, surgiu também o movimento do Church Growth. Discordamos, portanto, de Hunter que classifica o movimento como continuação da reforma luterana. O Church Growth tem como autores originais pessoas que batalham em igrejas e organizações descendentes da teologia calvinista, e, de forma mais ou menos evidente, seguem os princípios calvinistas no desenvolvimento de sua teoria. Como já havia ocorrido com outros movimentos evangélicos, também o Church Growth teve admiradores luteranos que procuraram torná-lo aceitável para luteranos, e, se possível, luteranizar completamente o movimento.

No entanto, apesar destas tentativas, muitas vezes, a origem histórica do movimento transparece, como vemos na seguinte citação de Hunter:

The only proper motive for church growth is

5 Idem, *ibidem*, p. 16. Tradução: "Enquanto Martinho Lutero e os reformadores do século XVI promoveram uma reforma da teologia, muitas pessoas hoje acreditam que o Movimento do Church Growth está promovendo uma reforma na prática. Se isto está correto, a igreja hoje está em meio à uma outra reforma. O Movimento do Church Growth não reforma a teologia da Reforma. Ela está baseado nela. O Church Growth coloca em prática as grandes verdades da Escritura as quais foram enfatizadas por Lutero e os reformadores."

6 Hans-Lutz Poetsch tece bom comentário sobre estas adaptações no artigo "Gnadenmittel und Evangelization", in *Evangelium, 'euaggetion' Gospel* (Bremen: Lutherischen Stunde, April, 1979).

obedience to Jesus Christ. To be a church growth person is to take the Lord at His Word. Church growth comes from the desire to serve God and to serve fellow man. It is a characteristic of true discipleship. Church Growth is God's will. The proper motive for being involved in church growth is obedience to His will. A church growth person is one who desires to be used by God in His plan of salvation for the internal and external growth of His kingdom to the glory and honor of Jesus Christ.⁷

Se palavras como as acima mostram a origem e a forte influência calvinista do Church Growth, por outro lado lembramos que este movimento precisa ser visto dentro do contexto cultural norte-americano, sob cuja influência o movimento se desenvolveu. Notadamente a maneira de pensar norte-americana é influenciada pelo pragmatismo. As teorias precisam ter resultados práticos. Na igreja, o resultado prático é o crescimento. Hunter reconhece que não se pode medir a fé, ou a igreja invisível, mas afirma que os frutos da fé e as estatísticas da igreja são mensuráveis.⁸ A preocupação pelo crescimento da igreja é algo que pode, inclusive, assumir proporções angustiantes quando consideramos esta questão em frentes missionárias de crescimento lento ou em congregações com sérios problemas de estagnação. Como ser mais efetivo e o que fazer para alcançar resultados notáveis, são perguntas muito importantes para quem se preocupa seriamente com seu trabalho. O trabalho realizado deve produzir efeitos visíveis.

Esta presença da cultura tipicamente norte-americana na preocupação pelos resultados práticos é algo que os defensores do Church Growth apresentam. Waldo Werning diz:

Leaders attempt to identify negative factors such as defeatist attitudes, self-centeredness, bondage to human traditions, too much dependence upon paid workers, too little trai-

ning and participation of lay people, too little sensitivity to the authority and power of the Holy Spirit, and too easy acceptance of minimal results long after the larger response should have been expected. Goals that are inadequate, immeasurable, or unattainable are avoided. There is concern about quantity and quality in testing the performance and setting goals and strategies for greater Gospel effectiveness and outreach. Thus the group seeks to be a responsible church.⁹

A preocupação em medir os resultados alcançados pelo trabalho da igreja não é um mal em si. Até, pelo contrário, pode ser útil na análise de um trabalho e pode ajudar a detectar problemas e a indicar prioridades no trabalho de uma congregação. Hunter salienta isto ao dizer que estatísticas são apenas um meio e não um fim. Elas formam a base para um bom e sólido planejamento.⁽¹⁰⁾ No entanto, no afã de colher resultados, os defensores do Church Growth se afastam dos princípios bíblicos, propondo que congregações estabeleçam objetivos de fé para o seu crescimento, em torno dos quais irão lutar. Nesta altura, a preocupação correta em torno do crescimento extrapola. O próprio crescimento se torna um fim em si, tomando o lugar do verdadeiro fim que é a salvação das pessoas mediante a pregação da palavra de Deus e a administração dos sacramentos. Vemos neste aspecto do Church Growth uma característica da maneira tipicamente norte-americana de pensar e não um princípio bíblico como os defensores do movimento querem fazer crer.

Sobre a questão da projeção de fé cabe ainda uma palavra. Hunter afirma que a projeção de fé para o crescimento da congregação está baseada na vontade de Deus. Examinando, porém, mais a fundo as palavras de Hunter, tem-se a impressão que o estabelecimento de uma projeção de fé para o crescimento da congregação está baseado muito mais em desejos humanos que em revelação divina. Isto concluímos destas palavras do autor em foco:

A faith projection is made when a congregation sets a goal greater than its projected

7 Kent R. Hunter, *op. cit.*, p. 43. Tradução: "O único motivo correto para o crescimento da igreja é a obediência a Jesus Cristo. Assumir o Church Growth é apegar-se ao Senhor em sua Palavra. O Church Growth provém da vontade de servir a Deus e ao próximo. É uma característica do verdadeiro discipulado. O Church Growth é da vontade de Deus. O motivo correto para se estar envolvido no crescimento da igreja é a obediência à vontade de Deus. Uma pessoa envolvida no Church Growth é aquela que deseja ser usada por Deus em seu plano da salvação para o crescimento interno e externo do Seu reino para a glória e honra de Jesus Cristo".

8 Idem, *ibidem*, p. 128.

9 Waldo J. Werning, *Vision and Strategy for Church Growth* (Chicago: Moody Press, 1978), p. 12. Tradução: "Os líderes procuram identificar fatores negativos tais como atitudes derrotistas, egocentrismo, dependência a tradições humanas, dependência demasiada de obreiros remunerados, pouco treinamento e participação de leigos, pouca sensibilidade à autoridade e força do Espírito Santo, e a pronta aceitação de resultados mínimos em contraste aos grandes resultados que se deveriam esperar. As metas que são inadequadas, não-mensuráveis ou inatingíveis são evitadas. Há preocupação quanto a quantidade e qualidade quando se verifica a atuação e se propõe metas e estratégias para uma maior eficácia e alcance do Evangelho. Assim, o grupo precisa ser uma igreja responsável."

10 Kent R. Hunter, *op. cit.*, p. 144.

growth. It is based on faith - trusting that the Lord will build His church. It is also based on prayer - prayer that the Lord of the harvest will send laborers into His harvest. It is finally based on a congregational commitment to seek the Lord's will for the comprehensive growth of His Kingdom.¹¹

Concluimos este capítulo a respeito do histórico do movimento Church Growth com a convicção de que, para compreendê-lo adequadamente precisamos compreender sua origem dentro da teologia reformada e a influência da cultura americana que busca eficácia e funcionalidade em todos os seus empreendimentos.

CAPITULO II

DEFINIÇÃO DO CHURCH GROWTH

O que é o movimento do Church Growth? Quais os seus propósitos? Estas perguntas são respondidas de duas maneiras pelos próprios defensores do movimento. De um lado eles dizem o que o Church Growth não é, ou seja, procuram defender-se de acusações que lhes são feitas. Por outro lado, procuram elaborar uma definição positiva deste movimento.

Hunter diz que o Church Growth não é apenas mais um programa para a igreja; não é um "jogo de números", onde a preocupação esteja apenas em conferir resultados numéricos; não é algo novo, mas tem suas origens no Novo Testamento; não é algo centrado no ser humano, mas está centrado em Jesus Cristo; não é o caminho mais fácil, mas um trabalho árduo.¹²

Werning, igualmente, defende-se de acusações dizendo que classificar o movimento do Church Growth como um simples jogo de números é um criticismo pérfido.¹³

Ao definir positivamente o que é o Church Growth, e o que pretende, Werning diz:

The church growth concept rests upon true

biblical and theological foundations. It help leaders to analyze situations by getting the facts and clearing up misunderstandings and mistakes. It considers the dynamics by which the church grows, in order to discover and apply principles of growth, to establish priorities, and to set goals on the basis of possibilities for growth by the Spirit of God in each unique environment. Formulation of good exciting, and attainable plans are proposed for action.¹⁴

Hunter já se preocupa muito mais que Werning em proporcionar uma boa definição do que seja o Church Growth. E ele é muito cuidadoso nesta definição. Ele fornece uma definição formal para o movimento, no entanto, diz que isto não é suficiente para compreendê-lo. Para se entender exatamente o que seja o Church Growth seria necessário analisá-lo sob cinco perspectivas diferentes, sendo a definição formal apenas uma destas perspectivas.

A definição formal fornecida por Hunter é a que segue:

Church Growth can be formally defined as that science which investigates the nature, function and health of Christian churches, as they relate to the effective implementation of the Great Commission to "... make disciples of all nations ..." (Matt. 23:19). Church growth is simultaneously a theological conviction and an applied science, striving to combine the eternal principles of God's Word with the best insights of contemporary social and behavioral sciences.¹⁵

A segunda perspectiva sob a qual, segundo Hunter, é preciso ver o Church Growth, é a perspectiva eclesiológica. Neste aspecto, a igreja é vista como um organismo vivo. Hunter afirma com os reformadores que a igreja está onde a palavra é proclamada e os sacramentos administrados, e acrescenta que onde a igreja não cresce ali existem problemas. A esta altura ele divide a igreja em dois aspectos: um divino, onde Deus é o Senhor, e outro humano, composto pelas pessoas. Sob o ponto de vista eclesiológico, a teoria do Church Growth teria

11 Idem, ibidem, pp. 145-146. Tradução: "Uma projeção da fé ocorre quando uma congregação propõe uma meta maior do que o seu crescimento previsto. Baseia-se na fé - crendo que Deus edificará Sua igreja. Baseia-se também na oração - oração que o Senhor da ceifa enviará trabalhadores para a sua seara. Por fim, baseia-se no compromisso congregacional de buscar a vontade de Deus para um significativo crescimento do seu Reino".

12 Idem, ibidem, pp. 18-21.

13 Waldo J. Werning, *Vision and Strategy*, p. 10

14 Idem, ibidem, p. 12. Tradução: "O conceito do Church Growth baseia-se em verdadeiros fundamentos bíblicos e teológicos. Ele auxilia líderes a analisar situações pela tomada dos fatos e o esclarecimento de equívocos e erros. Ele considera a dinâmica pela qual cresce a igreja, a fim de descobrir e aplicar os princípios de crescimento, para estabelecer prioridades, para por metas com base nas possibilidades para o crescimento pelo Espírito de Deus em cada situação peculiar. Propõe-se para ação com a formulação de planos bons, vibrantes e atingíveis".

15 Kent T. Hunter, *op. cit.*, p. 23. Tradução: "O Church Growth pode ser definido como aquela ciência que investiga a natureza, função e saúde das igrejas cristãs, em sua relação para com a efetiva implementação da Grande Comissão para "... fazer discípulos de todas as nações . . ." (Mt 28.19). O Church Growth é simultaneamente uma convicção teológica e uma ciência aplicada, empenhando-se por combinar os princípios eternos da Palavra de Deus com as melhores percepções das ciências sociais e comportamentais da atualidade."

a capacidade de diagnosticar os problemas que entravam o crescimento da igreja e de achar os meios para levá-la de volta ao crescimento.¹⁶

A terceira perspectiva pela qual se deve olhar o Church Growth é a perspectiva da filosofia de ministério. A filosofia de ministério seria a identidade de uma igreja. Reconhece o Church Growth que cada igreja tem características diferentes, embora exista uma só fé. Assim sendo, o Church Growth se preocupa em providenciar uma linha comum de atitudes similares em referência à missão da igreja. A filosofia de ministério seria este aspecto unificador da atividade da igreja. Neste aspecto, Hunter afirma que:

(A) A filosofia de ministério do Church Growth é construída sobre os meios da graça (palavra e sacramento) e sobre a oração. Com isto, a igreja tem uma experiência espiritual, tem abertura para a graça e o perdão de Deus em Cristo, tem um respeito renovado pela palavra de Deus como norma de fé e prática, e tem a disposição de viver sob o senhorio de Jesus Cristo, pelo poder do Espírito Santo;

(B) A filosofia de ministério do Church Growth baseia-se no objetivo do evangelismo dado pela Grande Comissão e sua ênfase desloca-se do "ganhar membros" para o fazer discípulos;

(C) A filosofia de ministério do Church Growth reconhece que todo membro da igreja tem um ministério a cumprir;

(D) A filosofia de ministério do Church Growth é sensível às necessidades das pessoas. O evangelho deve ser anunciado por palavras e ações e deve haver coerência entre o ensino e a prática;

(E) A filosofia de ministério do Church Growth é voltada para a missão. A igreja foi enviada ao mundo e ela realmente deve ir e não esperar que o mundo venha a ela;

(F) A filosofia de ministério do Church Growth cria uma consciência de que o evangelho deve ser pregado em todo o mundo.¹⁷

Analisando o Church Growth a partir de sua filosofia de ministério, cremos que os pontos B, C, D, E, e F dão uma boa colocação sobre como deveria ser o ministério. No entanto, no ponto A existem algumas dificuldades. Ao colocar lado a lado os meios da graça e a oração como fundamentos da filosofia de ministério, abrem-se as portas para o subjetivismo e para o sinergismo. Os meios da graça

procedem de Deus. A oração parte do homem. Este mesmo subjetivismo se nota também quando se fala que há uma experiência espiritual. O sinergismo fica claro quando se fala em abertura para a graça. Não há, da parte do ser humano, abertura da graça. A graça é de Deus, e é pelo poder de Deus que o homem a recebe.

Seguindo na análise das diversas perspectivas sob as quais o Church Growth deve ser encarado, a quarta é a que entende o crescimento da igreja como um processo. Assim sendo, os princípios do Church Growth tendem a unificar os vários aspectos do trabalho da congregação, e o processo de crescimento irá perpassar e revolucionar todos os segmentos da mesma.

Finalmente, deve-se analisar o Church Growth como sendo uma atitude. Church Growth é uma atitude de otimismo, uma atitude pragmática, uma atitude de quem deve prestar contas, e uma atitude que reflete urgência.¹⁸

O que se pode concluir estudando as definições do que seja o Church Growth, é o mesmo que já se notou no estudo do mesmo sob a perspectiva histórica, ou seja, que sua teologia provém de meios não-luteranos. Autores luteranos tentaram adaptá-lo de forma a ser aceitável para luteranos.

Esta adaptação é reconhecida por Werning que diz:

"Full recognition is given to the church growth leaders, founder Donald McGavran and his colleagues, whose insights permeate all church growth materials, including this book."¹⁹ E, logo adiante, Werning diz que seu livro é inspirado nas leituras de livros de líderes do Church Growth, tais como Donald McGavran, C. Peter Wagner, Vergil Gerber, Win Arn, Ralph Winter, e outros.²⁰

A linguagem luterana (como citação de confissões luteranas, meios da graça, distinção entre lei e evangelho, etc.), no entanto, nem sempre consegue ocultar a teologia diferente que dirigiu os criadores da teoria do Church Growth. Este aspecto iremos analisar no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

O PRINCÍPIO TEOLÓGICO E O MÉTODO PRÁTICO

O Church Growth vê a si próprio como sendo

16 Idem, ibidem, pp. 25-26.

17 Idem, ibidem, pp. 26-29.

18 Idem, ibidem, pp. 29-30.

19 Waldo J. Werning, *Vision and Strategy*, p. 10. Tradução: "Pleno reconhecimento é dado aos líderes do Church Growth, ao fundador Donald McGavran e a seus colegas cujas percepções permeiam todo o material do Church Growth, inclusive este livro."

20 Idem, ibidem, p. 10.

uma ciência aplicada, algo prático, não somente uma teoria.²¹ Além disto, o Church Growth diz de si mesmo que ele procura dirigir a atividade da igreja em direção ao evangelismo, conforme expresso na Grande Comissão.²² Estes dois princípios não são maus, até, pelo contrário, são bons. A própria teologia não é apenas algo teórico. A teologia volta-se á realidade e é, por isto, prática. Além disto, a atividade da igreja cristã deve ser voltada para o evangelismo. Toda a atividade da igreja, se não tiver os olhos voltados para o evangelismo, perde o foco correto de ser igreja no mundo.

Sendo a teologia uma atividade prática, devem-se discutir duas questões pertinentes: uma, é a dos objetivos que se pretendem alcançar; a outra, é a dos meios a serem empregados para os objetivos serem alcançados. Os objetivos são determinados pelo princípio teológico.

Nos capítulos anteriores vimos que o Church Growth, em suas origens, teve forte influência evangelical e não da teologia luterana. Qual seria a diferença entre estas duas teologias? Karl L. Barth, num discurso que proferiu por ocasião das celebrações dos 500 anos de Lutero, enfocou os princípios cardeais do luteranismo e da "teologia evangelical". Diz ele: "The difference stems from a different starting point. At the heart of Reformed theology is the sovereignty of God. At the heart of Lutheran theology is the grace of God. The latter evokes, first of all, faith and trust, the former obedience."²³

O objetivo da teologia luterana é a salvação, que se encontra na graça de Deus em Cristo. Esta graça é apreendida pela fé. O objetivo da teologia evangelical é a soberania de Deus, caracterizada pela busca da obediência por parte dos homens. A teologia luterana, por enfatizar a graça de Deus em Cristo, aponta para a fé. A teologia reformada, evangelical, por enfatizar a soberania de Deus, aponta para a obediência.

A teologia luterana, reconhecendo o monergismo divino, tem forte consciência do valor dos meios da graça para a vida de fé. A teologia reformada, procurando melhorar a obediência, aponta para o caminho do treinamento na vida cristã. Ve-

mos assim, que para a teologia reformada a questão dos métodos é de grande importância para o desenvolvimento do próprio princípio teológico. Na teologia luterana os métodos nunca estão em primeiro plano, visto que a graça é de Deus, e a própria fé é humana na obra da salvação. Para luteranos, o homem não tem nenhuma parte a fazer visto Cristo ter feito tudo pela salvação. A santificação, na teologia luterana, é parte importante da vida crista, é distinta da justificação, mas não pode ser separada da mesma. Na teologia reformada em geral, e no Church Growth em particular, a santificação aparece como separada da justificação. Assim, a pessoa, depois de crer, precisa tornar-se discípulo.²⁴

Toda a questão da ênfase na obediência e na eficácia na obra da igreja, tira o centro da teologia do "sola gratia" e o coloca naquilo que o ser humano faz. A obra da salvação não aparece mais como obra exclusiva de Deus, mas depende, fundamentalmente, da participação humana. Com isto, cresce a importância de estudar bem o comportamento humano para efetuar um bom trabalho no reino de Deus. O Church Growth enfatiza muito este estudo do comportamento humano. A teologia, segundo o Church Growth, embora deva ser boa, não é tão fundamental na eficácia da obra da igreja. Leia-se o que diz Hunter:

Effectiveness does not fluctuate because of changes in the Gospel or the willingness of the Holy Spirit. These divine qualities are constant. But the methods and the receptors are constantly changing. Research is the key. The church must be constantly asking, "is the message getting through? If not, why not? What can be done to clear channels for God to reach people through the church? How are people coming into the church? What is working? What can be done to utilize that which is working so that the mission and ministry can be more effective? What communication method is working? What churches are growing? Why? What can the local congregation learn from the effective examples of other churches?"²⁵

O que se percebe, lendo autores do Church

21 Kent R. Hunter, *op. cit.*, p. 23.

22 Idem, *ibidem*, p. 27.

23 Karl L. Barth, "Cardinal Principles of Lutheranism and "Evangelical Theology", *Concordia Journal* (St. Louis, Missouri: Concordia Seminary, March, 1981), pp. 56-57. Tradução: "A diferença provém de um ponto de partida diferente. No coração da teologia reformada está a soberania de Deus. No coração da teologia luterana está a graça de Deus. Esta produz, antes de tudo, fé e confiança, a anterior obediência."

24 Kent R. Hunter, *op. cit.*, p. 64.

25 Idem, *ibidem*, p. 99. Tradução: "A eficácia não varia por causa de mudanças no Evangelho ou na disposição do Espírito Santo. Estas qualidades divinas são constantes. Mas os métodos e os receptores estão constantemente mudando. Pesquisar é a chave. A igreja precisa questionar: "A mensagem está sendo passada adiante? Se não, por que não? O que pode ser feito para desobstruir os canais para Deus a fim de alcançar o povo através da igreja? Como as pessoas entram para a igreja? O que está dando certo? O que pode ser feito para utilizar aquilo que está funcionando de forma que a missão e o ministério possam ser mais efetivos? Qual o método de comunicação está funcionando bem? Quais igrejas estão crescendo? Por quê? O que a congregação local aprende dos exemplos efetivos de outras igrejas? "

Growth, é que eles pressupõem doutrina sadia. Muitas vezes, tratando-se de coisas práticas, se age desta forma. No entanto, a questão doutrinária nunca pode ficar em segundo plano. Ela é fundamental. Perdendo-se a boa doutrina, perde-se tudo. Dentro do luteranismo, a afirmação do "sola gratia, sola fide, sola Scriptura" sempre foi fundamental e anterior à preocupação pelo método.

Quando se trata de assunto tão importante como o evangelismo na igreja cristã, o conteúdo do evangelho a ser propagado não pode ficar no subentendido. É preciso explicitar qual é este evangelho, porque apenas ele é "poder de Deus para a salvação de todo o que nele crê" (Rm 1.16), e não a organização de uma instituição eclesiástica, por mais perfeita e funcional que ela seja.

Analisar o Church Growth a partir de método prático que o mesmo aplica, ou analisar qualquer teologia a partir do que ela representa para a vida das pessoas e das igrejas é sempre um bom elemento de pesquisa. Muitas vezes o método prático denuncia a existência de uma falsa teologia. O grande perigo e dano, no entanto, nunca está no método e sim na teologia. Assim, também no Church Growth, muito pode ser aprendido em seus estudos da prática da vida da igreja, mas muito pode ser perdido quando falsos conceitos teológicos são aplicados na prática.

CAPÍTULO IV

PRINCIPAIS DOCTRINAS ENVOLVIDAS

A questão da doutrina não pode ser nunca desprezada ou relegada a um segundo plano dentro da igreja cristã. É sobre um artigo de doutrina, a doutrina da justificação, que a igreja permanece ou sucumbe. A questão da organização da igreja e do trabalho da igreja não deixa de ser importante. Ela deve sempre estar a serviço dos meios da graça. A organização não pode acrescentar nada ao poder e eficiência da palavra e dos sacramentos, mas pode criar barreiras que dificultem a distribuição dos meios da graça. Neste aspecto, o estudo da organização e dos métodos torna-se bastante interessante, embora, voltamos a insistir, nenhuma organização, nada enfim, pode acrescentar algo de eficiência aos meios da graça.

Hunter reconhece que a doutrina correta é importante. Ele diz claramente: "Order in the church is a secondary concern. Correct doctrine is essential."²⁶

O que resta saber é se as principais doutrinas cristãs, as quais são essenciais, não foram obscurecidas, modificadas ou negadas ao longo da discussão a respeito de técnicas e de organização da igreja. Se assim for, é importante deixar de lado o secundário (organização) e ficar com o que é essencial (doutrina correta).

Analisaremos a seguir algumas das principais doutrinas envolvidas pela teoria do Church Growth. Não pretendemos ser exaustivos nesta análise. Focamo-nos apenas em algumas que julgamos estão mais diretamente envolvidas.

1. A doutrina da justificação.

A doutrina da justificação, como lembramos anteriormente, é o artigo sobre o qual a igreja permanece ou sucumbe. Em tomo desta doutrina estão os principais artigos da fé, expressos nas confissões luteranas, como a salvação pela graça mediante a fé, a doutrina da igreja, dos sacramentos, do ministério, do pecado original, e assim por diante.

A Confissão de Augsburg afirma:

Ensinam também que os homens não podem ser justificados diante de Deus por forças, méritos ou obras próprias, senão que são justificados gratuitamente, por causa de Cristo, mediante a fé, quando crêem que são recebidos na graça e que seus pecados são remitidos por causa de Cristo, o qual através de sua morte fez satisfação pelos nossos pecados. Essa fé atribui-a Deus como justiça aos seus olhos. Rm 3 e 4.²⁷

Os luteranos afirmam o monergismo divino. Deus planejou nossa salvação. Deus, em Cristo, efetuou nossa salvação. Deus nos dá a salvação mediante a fé, que é também um dom da parte dele. Deus faz tudo por nós. Não há nenhuma espécie de colaboração possível nem requerida, antes da fé, na fé, ou para complementar a obra da salvação. Deus age por nós e em nós.

Segundo Hunter, um dos axiomas chaves para uma igreja saudável é que ela esteja disposta e queira pagar o preço do crescimento.²⁸ Quando a igreja tem esta disposição e paga uma parte do preço, no entanto, temos que responder, ao menos, a doutrina da justificação por graça fica obscurecida. Mesmo que este preço, segundo os defensores do Church Growth, faça parte da santificação, os problemas continuam sendo muito semelhantes.

26 Idem, *ibidem*, p. 152. Tradução: "Ordem na igreja é uma preocupação secundária. Doutrina correta é essencial".

27 *Livro de Concórdia*, Trad. Amaldo Schüller (São Leopoldo, Porto Alegre: Sinodal, Concórdia, 1980), Confissão de Augsburg, IV, 1-3, pp. 64-65.

28 Kent R. Hunter, *op. cit.*, p. 165.

A doutrina da justificação e da santificação devem ser distinguidas, mas não separadas. Quando não se distingue entre estas doutrinas, falha-se na distinção entre lei e evangelho. Quando se separa estas doutrinas, então se cria classes de cristãos dentro da igreja, cria-se elites espirituais, onde uns seriam superiores aos outros. Isto obscurece e afronta a doutrina da justificação, pois pela fé todos são igualmente justificados. O incentivo à santificação é necessário e é fundamentado na graça que Deus nos dá em Cristo. As boas obras devem ser estimuladas por serem vontade de Deus, mas não tornam as pessoas mais ou menos cristãs.

As confissões luteranas tratam longamente destes assuntos, especialmente na Apologia da Confissão de Augsburgo e na Fórmula de Concórdia. O Church Growth parte do princípio que há diferença entre ser apenas membro da igreja e ser discípulo.²⁹ Quando uma pessoa chega à fé, ela é membra da igreja, mas não é ainda um discípulo. Diz Hunter: "Disciples are made, not born. Making disciples requires on-the-job training."³⁰

Se examinarmos com maior cuidado o texto de Mt 28.19-20, veremos que realmente discípulos são feitos. Mas são feitos por Deus, através do batismo e do ensino, ou seja, através dos meios da graça que Deus concedeu para este fim. O batismo é também chamado em Tt 3.5,6 de "lavar regenerador e renovador do Espírito Santo". E Jesus diz a Nicodemos que "quem não nascer da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3.5). Disto conclui-se que realmente discípulos são feitos, mas são feitos por Deus, quando estes nascem novamente, e não através de um processo mais ou menos longo.

Na vida cristã busca-se um crescimento na fé, no conhecimento, mas este crescimento não nos torna melhores ou mais aceitáveis diante de Deus. Continuamos sendo totalmente e simultaneamente pecadores e justos. Este crescimento referido é fruto da fé. O Deus que concede a fé, concede o crescimento, mediante os meios da graça que ele dá.

É preciso dizer, a bem a verdade, que em muitas passagens os autores do Church Growth procuram enfatizar a justificação por graça, mediante a fé. No entanto, passagens como as que citamos neste item, abrem portas para doutrinas errôneas, que obscurecem os méritos de Cristo como Salvador. E, quando isto ocorre, perde-se o artigo mais importante da fé.

29 Idem, *ibidem*, p. 173.

30 Idem, *ibidem*, p. 167. Tradução: "Discípulos não nascem, são feitos. Fazer discípulos requer treinamento prático".

31 *Livro de Concórdia*, Confissão de Augsburgo, II, 1-2, p. 64.

32 Kent R. Hunter, *op. cit.*, p. 81.

33 Idem, *ibidem*, p. 97. Tradução: "Comunicação relevante do evangelho sempre requer uma conscientização da parte do receptor".

2. A doutrina do pecado original.

A doutrina do pecado original, conforme as confissões luteranas, afirma que depois da queda de Adão todos os homens propagados segundo a natureza nascem com pecado, isto é, sem temor de Deus, sem confiança em Deus, e com concupiscência, e que essa enfermidade ou vício original verdadeiramente é pecado, que condena e traz morte eterna ainda agora aos que não renascem pelo batismo e pelo Espírito Santo.³¹

Esta doutrina ensina que não há, por parte do homem, nenhuma reação ou participação positiva que possa conduzir ou facilitar o caminho para a fé.

A teoria do Church Growth fala de um "princípio da colheita" segundo o qual os cristãos devem orar a Deus pedindo que Deus os conduza a testemunhar junto a pessoas que tenham corações abertos para o evangelho. Estes corações estariam abertos devido a situações de vida em que o Espírito Santo começou a cultivar os corações para o milagre da fé.³² Em outro texto Hunter diz que "relevant communication of the Gospel always requires an awareness of the receptor."³³ Uma das maneiras para que se saiba onde encontrar pessoas receptivas ao evangelho seria através de pesquisas.

Sem dúvida alguma, pesquisar a cultura, os problemas, a linguagem, os costumes de um determinado lugar, para depois apresentar-lhe o evangelho, é algo que pode ser feito e algo útil. No entanto, em lugar nenhum se encontrará um coração descrente "aberto" para o evangelho. Todo o ser humano precisa do evangelho. Aprendemos de Jesus que os campos já banquejam (Jo 4.35). No entanto, sabemos também, por natureza o ser humano é espiritualmente cego, morto e inimigo de Deus. A colheita é feita, não mediante a procura de corações "abertos", mas mediante a farta pregação da palavra de Deus, com o cuidado de distinguir corretamente lei e evangelho. A lei é o aio que conduz para Cristo (Gl 3.23-25).

3. A doutrina da graça.

Duas ênfases importantes que a doutrina da graça manifesta é que a salvação do ser humano é um ato de soberana misericórdia de Deus, e, por outro lado, a doutrina da graça ensina que esta salvação é totalmente realizada por Deus em Jesus Cristo, sem nenhuma participação do ser humano, visto que o homem em nada pode contribuir nas coisas espirituais.

Valdo Werning, em seu livro *Vision and Strategy for Church Growth*, tem um bom capítulo sobre o reengajar de membros da congregação que estão se afastando da fé. E ele, no início deste capítulo, salienta com propriedade a doutrina da graça de Deus em Cristo, mostrando que esta deve ser apresentada ao pecador para motivá-lo à vida cristã. Apelos eclesiais, não são meios da graça de Deus e por isto não conduzem a nada. Eis o que Werning diz:

Too often some try humanistic appeals and pressures and then wonder why there is little or no result. A simple testimony about the truth of God's grace in Christ will achieve much. Repeated witness by a number of fellow Christians is needed. They need to give a witness to Christ rather than a "come to church" appeal. Most Christians and congregations make a serious mistake in their contact with weak members by merely inviting them to change their church attendance habits instead of an effective and practical Christian witnesses which educates such delinquents about God's Word.³⁴

Lendo a citação acima, temos uma excelente indicação da aplicação da doutrina da graça de Deus em Cristo ao pecador, dentro da congregação cristã. O meio da graça utilizado é a palavra de Deus. No entanto, no mesmo capítulo, mais adiante, o autor sugere que a congregação faça visitas a membros inativos e que os visitantes sejam preparados para tanto com algumas técnicas. Aí, contraditoriamente, o que o autor dizia antes, é substituído exatamente pelo que entendemos por apelos eclesiais. A doutrina da graça de Deus em Cristo é obscurecida por uma ênfase na ação do homem em compreender e aceitar a obra de Cristo, e em colocar Cristo no lugar mais importante da sua vida. Examinaremos a seguir algumas citações em que estes problemas aparecem.

God has given the basic responsibility for the spiritual training of children to their parents. Parents can be learners along with their chil-

dren. In fact, we are all pupils of the Lord Jesus. We must not act as if we have tossed aside our Bibles and catechisms. By encouraging our children to attend Sunday School and weekday classes regularly, we will be building up a healthy Christian climate in our home.³⁵

Na citação acima, no início da mesma, aparentemente se irá conduzir a argumentação para Cristo e o que ele fez por nós, mas, na parte final, o que ocorre é um simples apelo eclesial. Frequentar regularmente uma classe de Escola Dominical, por si não constrói um clima cristão no lar. É claro que a palavra de Deus, o meio da graça, o faz, e se esta palavra for ensinada nesta classe, o efeito será sentido no lar.

Mais adiante Werning diz:

The strongest power in the world is the cross of Christ. The cross can lift you from your problems; worldliness, sinful habits, the things that bog you down. The cross can take away your guilt. It can help you grow in strength and constancy. Your realization and acceptance of the drawing power of the cross will help you put God back in your life.³⁶

No início desta citação temos a ênfase na cruz de Cristo. Tudo é por graça de Deus. No final da mesma, já temos como agentes a compreensão e aceitação humanas, as quais irão ajudar a colocar Deus no lugar devido na vida. Obscurece-se o "sola gratia".

Para deixar bem clara esta dificuldade em salientar apenas a graça de Deus, apenas mais uma breve citação do mesmo autor:

The blessings are ours only as we surrender our wills to His will. . . . Try to work with Him instead of against Him so that you may enjoy the fruits of His Spirit in your home.³⁷

Mesmo com citações onde a doutrina da graça se apresenta bem confusa, é preciso dizer também, que, por outro lado, vemos um grande esforço nos autores estudados em manter esta doutrina. Este esforço, por vezes, sucumbe quando tentam colocar esta doutrina na prática da congregação. Aí, nem sempre a cooperação humana é negada na obra da

34 Waldo J. Werning, *Vision and Strategy*, pp. 64-65. Tradução: "Com muita frequência alguns pregadores tentam apelos e pressões humanísticos e, então, perguntam-se por que há tão pouco ou nenhum resultado. Um simples testemunho a respeito da verdade da graça de Deus em Cristo vai realizar mais. O testemunho constante de muitos cristãos é necessário. Eles precisam mais testemunhar do que o apelo "venha à igreja." A maioria dos cristãos e congregações cometem um sério erro em seu contato com membros fracos quando simplesmente os convidam a mudar sua participação na igreja ao invés de um testemunho cristão efetivo e prático que educa tais relapsos acerca da Palavra de Deus."

35 Idem, ibidem, p. 78. Tradução: "Deus deu a responsabilidade básica do treinamento espiritual das crianças a seus pais. Os pais podem aprender junto com seus filhos. De fato, nós todos somos alunos do Senhor Jesus. Nós não devemos proceder como se tivéssemos jogado fora as nossas Bíblias e Catecismos. Encorajando nossas crianças a frequentar regularmente a Escola Dominical as aulas semanais, nós estaremos edificando um saudável clima cristão em nosso lar".

36 Idem, ibidem, p. 78. Tradução: "A força mais poderosa do mundo é a cruz de Cristo. A cruz de Cristo pode lhe erguer dos seus problemas; mundanismo, hábitos pecaminosos e as coisas que lhe afundam. A cruz pode tirar a sua culpa. Ela pode ajudá-lo a crescer em seu vigor e constância. Sua compreensão e aceitação do poder da cruz o ajudará a trazer Deus de volta a sua vida."

37 Idem, ibidem, p. 79. Tradução: "As bênçãos são nossas somente quando nós rendemos nossas vontades à Sua vontade. Tenta trabalhar com ele ao invés de contra ele de modo que você possa gozar dos frutos do seu Espírito em seu lar".

salvação. Desta forma, o que seria apenas um problema de método prático, denuncia confusão teológica em suas origens.

4. A doutrina dos meios da graça.

A doutrina dos meios da graça ensina que Deus transmite sua graça aos homens através de meios, ou seja, os meios da graça de Deus, que são palavra e sacramentos (Batismo e Santa Ceia). Na palavra de Deus deve-se distinguir entre lei e evangelho, sendo que a graça de Deus encontramos especificamente no evangelho. Tanto Werning como Hunter preocupam-se em enfatizar estes meios da graça. Talvez seja este um ponto alto na contribuição destes autores. No entanto, nem sempre é assim com todos os aspectos apresentados no Church Growth. A doutrina dos meios da graça, é importante dizer, firma-se na graça de Deus, ou seja, coloca a ênfase no Deus por nós, excluindo a participação humana. Infelizmente, algumas vezes, os defensores do Church Growth misturam a ação de Deus com o agir humano. Vamos examinar o que Hunter diz:

A church growth philosophy of ministry is built on the means of grace (Word and Sacraments) and on prayer. When a church adopts a church growth philosophy of ministry, it is not an exercise in using certain gimmicks and gadgetry to aid the mission of God's people. First and foremost, when a church adopts a church growth philosophy of ministry, it is a spiritual experience. It includes repentance - turning away from sins, individually and as a corporate body. It includes openness to the grace and forgiveness of God in Christ. It means a renewed respect for God's Word as the rule and norm for faith and practice. It means a willingness, by the power of the Holy Spirit, to live with the Lordship of Jesus Christ.³⁸

O problema reside no fato de que frases onde se fala nos meios da graça, estes meios são colocados ao lado e no mesmo nível da oração como fundamento de uma filosofia de ministério. E a confusão continua, pois textos onde se fala de uma "abertura" para a graça, coisa que não existe, estão mesclados com afirmações corretas, onde se aponta com exatidão para os meios da graça de Deus, como na citação que segue:

It always comes from God. It comes through the means of grace, the Word, Baptism and the Lord's Supper. It is the power of the Holy Spirit. It is the foundation for genuine church growth.³⁹

Esta falta de exatidão doutrinária pode resultar em grande prejuízo para a igreja, como a própria história da igreja já comprovou muitas vezes no passado.

Quando se fala na doutrina dos meios da graça, ainda deve ser dito que o batismo não recebe a consideração merecida por parte de todo o Church Growth. Em geral, a doutrina do batismo não recebe a atenção que a teologia luterana lhe dá. Isto se deve, especialmente, porque se separa a doutrina da justificação da doutrina da santificação.⁴⁰

Apesar dos esforços em salientar palavra e sacramentos como os meios da graça de Deus, e, felizmente, chamando a atenção para a importância deste meio para a vida da igreja, falta maior cuidado no trato de matéria tão importante.

5. A doutrina do ministério eclesiástico.

Uma outra doutrina que, nos parece, mereceria maior atenção ao confrontarmos a teoria do Church Growth é a doutrina do ministério eclesiástico. Este ministério, ou ofício da pregação, é o único instituído por Deus na igreja. Ele tem um fim específico que é muito bem descrito na Confissão de Augsburg: "Para que alcancemos essa fé, foi instituído o ministério que ensina o evangelho e administra os sacramentos."⁴¹ O Church Growth, em seus escritos, enfatiza muito uma outra doutrina, a do sacerdócio universal dos crentes. Estas duas doutrinas são bíblicas e não são contraditórias. Deus visa, através delas, a edificação da igreja. Entretanto, deve-se ter o cuidado de uma não substituir a outra e de manter ambas de forma salutar.

Os defensores do Church Growth não enfatizam como tarefa do ofício da pregação aquilo que as confissões luteranas enfatizam, ou seja, a pregação da palavra e a administração dos sacramentos. O resultado é que, por vezes, a tarefa do ofício da pregação é atribuída ao sacerdócio universal dos crentes e o ministério eclesiástico é visto sob uma ótica não bem focada. Leia-se o que Werning diz:

38 Kent R. Hunter, *op. cit.*, p. 27. Tradução: "A filosofia do ministério do Church Growth está edificada sobre os meios da graça (Palavra e Sacramentos) e sobre a oração. Quando uma igreja adota a filosofia do ministério do Church Growth isto não é um exercício no uso de certos truques e fórmulas para ajudar a missão do povo de Deus. Em primeiro lugar e principalmente, quando uma igreja adota a filosofia do ministério do Church Growth, isto é uma experiência espiritual. Inclui arrependimento - afastar-se dos pecados, individual e corporativamente. Inclui abertura para a graça e perdão de Deus em Cristo. Significa um respeito renovado pela Palavra de Deus como a regra e norma para a fé e a prática. Significa uma disposição, pela força do Espírito Santo, para viver com o senhorio de Jesus Cristo".

39 Idem, *ibidem*, p. 42. Tradução: "Isto sempre vem de Deus. Vem através dos meios da graça, Palavra, Batismo e a Ceia do Senhor. É o poder do Espírito Santo. É o fundamento para o genuíno church growth".

40 Hans-Lutz Poetsch desenvolve bastante este problema no artigo mencionado na nota 6.

41 *Livro de Concórdia*, Confissão de Augsburg, v. 1, p. 65.

One of the chief tasks of the pastor is to be a teacher, enabler, and discipler of others who, in turn, minister with the Word to be "salt" and "light" in all the earth. This follows the example of Jesus, who trusted nonprofessionals with major responsibilities in the church. Having taught them His Word, He carefully trained them how to make the Gospel known (Luke 9:1-6; 10:1-24).⁴²

A tarefa que é atribuída ao pastor, tem como ênfase principal o treinamento dos membros para que estes ministrem a palavra sendo sal e luz do mundo. Até aí não haveria maior problema. No entanto, quando ele fala que este é o exemplo que Cristo deixou, cita como texto bíblico as instruções que Jesus deixou para os doze apóstolos e para os setenta que ele enviou. Certamente os doze apóstolos, na realidade do Novo Testamento, estavam mais próximos do ministério eclesiástico do que do sacerdócio universal dos crentes, o que vem mostrar a mistura feita nas duas doutrinas.

A mesma questão está presente nos escritos de Hunter. Falta uma visão mais clara e mais consistente do que seja o ministério eclesiástico. Diz Hunter:

The Church Growth Movement emphasizes that all Christians are to be involved in the mission and ministry of the church. This principle is based primarily on the New Testament images of the church as a royal priesthood and the body of Christ.

The early church expanded quickly throughout much of the Mediterranean world. One of the keys to the rapid growth of the first century church was that it was primarily a lay movement. It was not a situation in which the pastor performed all the functions of ministry.⁴³

Podemos concordar com os autores em questão que muitas vezes não se destaca na igreja o trabalho dos leigos. Os leigos deveriam ser incentivados muito mais a desempenharem as suas funções de sacerdotes dentro da cristandade. Por vezes, o problema dos leigos inativos nas congregações é problema que se deriva daqueles que estão desempenhando o ofício da pregação. A solução disto, no entanto, não está em modificar ou colocar outras ênfases no ministério eclesiástico, mas em cada um voltar-se ao que Deus determinou como sua missão.

6. A doutrina da santificação.

Esta doutrina está muito presente em toda a teoria do Church Growth. Já vimos, no item em que tratamos da justificação, alguns problemas com respeito à área da santificação. A Confissão de Augsburgo afirma a santificação ao dizer:

Ensinam também que aquela fé deve produzir bons frutos e que é necessário se façam boas obras ordenadas por Deus, por causa da vontade de Deus, não para confiarmos que merecemos por essas obras a justificação diante de Deus. Pois a remissão dos pecados e a justificação são apreendidas pela fé, como também testifica a palavra de Cristo: "Quando tiverdes feito tudo isso, dizei: Somos servos inúteis."⁴⁴

Toda vez que alguém voltar-se criticamente para a questão da santificação, pode dar a impressão de ser contrário à prática das boas obras. É um risco que se corre. Por outro lado, historicamente, erros na doutrina da santificação muitos prejuízos já causaram na doutrina da justificação e na honra que deve ser atribuída a Jesus Cristo. Prova evidente disto encontramos em algumas das controvérsias que aconteceram no meio do luteranismo e que resultaram na *Fórmula de Concórdia*.

O Church Growth pretende, em princípio, o crescimento da igreja. Para alcançar este crescimento, depende de uma análise detalhada da atividade da congregação, de um estudo do local onde pretende trabalhar, do estabelecimento de objetivos e metas mensuráveis. Aplicando-se estes conhecimentos de forma adequada, o resultado deverá ser uma igreja de sucesso, onde há crescimento.

Os principais problemas que se encontram nesta área devem-se à confusão entre lei e evangelho e a falhas na tarefa de distinguir, porém não separar a justificação da santificação. A santificação não pode ser isolada e ser vista como um capítulo à parte na vida da igreja. Se a santificação não estiver fundamentada na correta doutrina da justificação, em vez de crescimento, teremos ativismo religioso, e, poderíamos dizer, em vez de consagração, teremos sucesso.

42 Waldo J. Werning, *Vision and Strategy*, pp. 37-38. Tradução: "Uma das principais tarefas do pastor é ser um ensinador, capacitador e discipulador de outros que, por sua vez, ministram com a Palavra para ser "sal" e "luz" em toda a Terra. Isto segue o exemplo de Jesus, que confiou grandes responsabilidades na igreja a pessoas não especializadas. Tendo lhes ensinado a sua Palavra, Ele os treinou com cuidado para anunciar o Evangelho (Lc 9.1-6; 10.1-24)".

43 Kent R. Hunter, *op.cit.*, p. 58. Tradução: "O Movimento do Church Growth enfatiza que todos os cristãos devem ser envolvidos na missão e no ministério da igreja. Esse princípio está baseado principalmente nas imagens neo-testamentárias da igreja como sacerdócio real e corpo de Cristo.

A igreja primitiva expandiu-se rapidamente em grande parte do mundo Mediterrâneo. Um dos segredos para o rápido crescimento da igreja do primeiro século foi que ela era primariamente um movimento leigo. Não era uma situação na qual o pastor executava todas as funções do ministério".

44 *Livro de Concórdia*, Confissão de Augsburgo, VI, 1-2, p. 65.

CAPÍTULO V

ASPECTOS POSITIVOS NO CHURCH GROWTH

O estudo de um movimento como o Church Growth, sem dúvida alguma, oferece aspectos positivos. Muita coisa útil pode ser aprendida pelo estudo dos autores desta teoria. Concordamos com Hans-Lutz Poetsch que afirma e ao mesmo tempo admoesta:

Wer sich mit allen diesen Auffassungen und Methoden gründlicher beschäftigt, wird feststellen, dass sie viel gutes und sehr hilfreiches Material anbieten; es lässt sich jedoch nicht übersehen, dass sie so, wie sie praktiziert werden, im pietistischen Gnadenmittelverständnis verwurzelt sind.⁴⁵

Gostaríamos de citar alguns destes aspectos positivos no Church Growth. Talvez o que mereça ser citado em primeiro lugar seja o fato de o Church Growth colocar ênfase na tarefa do evangelismo, e a coloca sob duas perspectivas: o evangelismo é tarefa de toda a igreja e o evangelismo é tarefa de toda a igreja em todo o mundo. Esta visão é extremamente salutar quando se pensa em organizar uma igreja para o trabalho.

Também é importante apontar a grande preocupação dos autores pelo crescimento da igreja, isto não apenas como um fim em si, mas o crescimento como termômetro para a tarefa de salvar almas. Este entusiasmo e busca para salvar mais pessoas realmente deveria tomar conta da igreja.

Outro aspecto positivo é o estudo e análise das estatísticas da igreja. Muitas igrejas fazem estatísticas e não se utilizam destes instrumentos para análise e planejamento. Muitas idéias excelentes são encontradas neste aspecto da teoria do Church Growth.

Outro campo em que o Church Growth providencia bom material é no campo da organização da igreja para a ação. Com maior ou menor grau de complexidade a igreja precisa se organizar de forma efetiva. Esta organização deve ter em vista os objetivos da congregação cristã no mundo e deve, igualmente, levar em consideração as características locais. Neste aspecto pode-se aprender bastante dos autores do Church Growth.

Destacamos também a preocupação com os membros que estão esfriando na fé. Hunter até escreveu um livro chamando a atenção para este aspecto, intitulado *Your Church Has Doors*, cujo subtítulo é "How to open the front and close the back".⁴⁶

Muitas vezes a igreja não está devidamente organizada de forma a engajar as pessoas no trabalho dentro do reino de Deus. E, quando se falha em envolver as pessoas com a palavra e os sacramentos, facilmente as pessoas enfraquecem na fé e, correm o risco de perder a mesma. Manter o rebanho unido e ativo é uma tarefa que Deus realiza através da igreja mediante o uso dos meios da graça.

O Church Growth também aponta como instrumento eficaz para o crescimento da igreja, que esta inicie novas congregações. Plantando novas congregações está-se intensificando a distribuição dos meios da graça, está-se oferecendo novas oportunidades para criar líderes que venham a desenvolver cada vez mais o trabalho.

CONCLUSÃO

A igreja luterana sempre deve ser vista como uma igreja confessional. O conceito de igreja confessional, por vezes, é mal compreendido. A igreja luterana não é uma igreja confessional apenas porque tem confissões reunidas no *Livro de Concórdia* de 1580. Este é apenas um dos aspectos da confessionalidade. A preocupação maior em confessar e confessar a doutrina correta está em que esta doutrina é palavra de Deus para a salvação de todo aquele que crê. Se não confessarmos a doutrina correta, estaremos confessando palavras humanas, que em nada podem ajudar na salvação de uma pessoa. E, se apenas retivermos a doutrina correta, sem a confessarmos, estaremos descumprindo a vontade de Deus que quer que o confessemos diante dos homens.

A igreja, portanto, movimenta-se entre dois perigos: o da chamada ortodoxia morta, que preocupando-se apenas com a doutrina correta, não a vive e não a confessa; e, por outro lado, há o risco da doutrina falsa nortear a atividade da igreja, onde, como conseqüência, tem-se um ativismo que em nada irá beneficiar ninguém, pois está longe da verdade de Deus.

Estudando adaptações ao luteranismo de movimentos surgidos em outras teologias, como aconteceu com o Church Growth, vê-se a necessidade que há de teólogos luteranos trabalharem arduamente, no sentido de que, fundamentados em boa teologia confessional, se procure uma teologia prática livre dos riscos da doutrina falsa e da ortodoxia morta. Cremos que esta tarefa está a desafiar todos os que vivem a realidade da igreja no mundo. A igreja precisa confessar a verdade corretamente, para que o Salvador Jesus Cristo seja anunciado, e "toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai" (Fp 2.11).

45 Hans-Lutz Poetsch, *op. cit.*, p. 38. Tradução: "Quem se ocupa com estas formas e métodos mais a fundo, verificará, que elas oferecem material muito bom e útil; não se pode, porém, deixar de notar que, assim como são aplicadas, estão arraigadas numa compreensão pietista dos meios da graça."

46 Kent R. Hunter, *Your Church Has Doors* (Coruna, Indiana: Church Growth Analysis and Learning Center, 1982). Tradução: *Sua Igreja Tem Portas*, cujo sub-título é "Como abrir a porta da frente e fechar a dos fundos."

BIBLIOGRAFIA

- BARTH, Karl R. "Cardinal Principles of Lutheranism and "Evangelical Theology". *Concordia Journal*. St. Louis, Missouri: Concordia Seminary, March, 1981.
- GERBER, Virgil. *Sua Igreja Precisa Crescer*. — 3. ed. - São Paulo: Vida Nova, 1980.
- HUNTER, Kent R. *Foundations for Church Growth*. New Haven, Missouri: Leader Publishing Company, 1983.
- _____. *Your Church Has Doors*. Coruna, Indiana: Church Growth Analysis and Learning Center, 1982.
- Livro de Concórdia*. Trad. Arnaldo Schüler. São Leopoldo, Porto Alegre: Sinodal - Concórdia, 1980.
- MATHIAS, Elmer W. "This Lutheran Sees Value in Church Growth". *Concordia Journal*. St. Louis, Missouri: Concordia Seminary, March, 1984.
- POETSCH, Hans-Lutz. "Gedanken zur "Church Growth Theory". *Evangelium 'euaggelion' Gospel*. Bremen: Lutherischen Stunde, August, 1978.
- _____. "Gnadenmittel und Evangelisation". *Evangelium 'euaggelion' Gospel*. Bremen: Lutherischen Stunde, April, 1979.
- _____. *Theologie der Evangelisation*. Bremen: Verlage Stelten & Co., 1967.
- TIPPELT, Alan R. *A Palavra de Deus e o Crescimento da Igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1970.
- VOGEL, Larry M. "The Witness Workshop Manual". *Concordia Journal*. St. Louis, Missouri: Concórdia Seminary, November, 1984.
- WERNING, Waldo J. *Chamado à Mordomia*. - 2. ed. - Porto Alegre: Concórdia, 1981.
- _____. *The Radical Nature of Christianity*. Editado por Waldo J. Werning, 1975.
- _____. *Vision and Strategy for Church Growth*. Chicago: Moody Press, 1978.

Hinos do Hinário Luterano Relacionados com as Leituras da Série Trienal "B"

Raul Brum*

A presente seleção foi elaborada pelos alunos do 1º teológico do ICSP sob a coordenação do Prof. Raul Blum. É parte dos trabalhos para a cadeira de Litúrgica.

Esta seleção visa auxiliar os pastores na escolha dos hinos para o próximo ano eclesialístico. Tomou-se o cuidado de evitar que um mesmo hino seja repetido muitas vezes.

Para que este trabalho possa ser melhorado solicita-se aos pastores que enviem ao Prof. Raul Blum sugestões de outros hinos para aquelas leituras onde o hino não tenha expressado bem o conteúdo da mensagem.

1º DOMINGO NO ADVENTO

Leituras:	Hinos:
Is 63.16b-17; 64. 1-8	3
1 Co 1.3-9	5
Mc 13.33-37	384

2º DOMINGO NO ADVENTO

Is 40.1-11	11
2 Pe 3.8-14	535
Mc 1.1-8	8

3º DOMINGO NO ADVENTO

Is 61.1-3; 10-11	324
1 Ts 5.16-24	222
Jo 1.6-8; 19-28	1

4º DOMINGO NO ADVENTO

2 Sm 7.(1-7) 8-11, 26	341
Rm 16.25-27	18
Lc 1.26-38	548

NATIVIDADE DE NOSSO SENHOR, 1º CULTO (VÉSPERA DE NATAL)

Is 9.2-7	23
Tt 2.11-14	43
Lc 2.1-20	560

NATIVIDADE DE NOSSO SENHOR, 2º CULTO (MATINAL)

Is 52. 7-10	12
Hb 1. 1-9	34
Jo 1. 1-14	35

* Professor na Escola Superior de Teologia do Instituto Concórdia de São Paulo, SP.

NATIVIDADE DE NOSSO SENHOR, 3º CULTO (DIA DE NATAL)	9
Is 62.10-12	371
Tt 3.4-7	26
Lc 2.1-20	
1º DOMINGO APÓS NATAL	15
Is 45.22-25	393
Cl 3.12-17	236
Lc 2.25-40	
2º DOMINGO APÓS NATAL	
Is 61.10-62.3	194
Ef 1.3-6, 15-18	278
Jo 1.1-18	42

EPIFANIA DE NOSSO SENHOR	
Is 60.1-6	65
Ef 3.1-12	275
Mt 2.1-12	63

BATISMO DE NOSSO SENHOR	
Is 42.1-7	272
At 10.34-38	60
Mc 1.4-11	287

2º DOMINGO APÓS EPIFANIA	
1 Sm 3.1-10	168
1 Co 6.12-20	71
Jo 1.43-51	327

3º DOMINGO APÓS EPIFANIA	
Jn 3.1-5, 10	361
1 Co 7.29-31	331
Mc 1.14-20	316

4º DOMINGO APÓS EPIFANIA	
Dt 18.15-20	203
1 Co 8.1-13	300
Mc 1.21-28	266

5º DOMINGO APÓS EPIFANIA	
Jó 7.1-7	413
1 Co 9.16-23	325
Mc 1.29-39	244

6º DOMINGO APÓS EPIFANIA	
2 Rs 5.1-14	62
1 Co 9.24-27	312
Mc 1.40-45	279

7º DOMINGO APÓS EPIFANIA	
Is 43.18-25	368
2 Co 1.18-22	138
Mc 2.1-12	288

8º DOMINGO APÓS EPIFANIA		Hb 4.14-16; 5.7-9	171
Os 2. 14-20	283	Jo 18.1-19,42	88
2 Co 3. 1-6	323	VÉSPERA DA PÁSCOA	
Mc 2. 18-22	277	Dn 3.1, 3-9, 12-29	508
A TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR		1 Pe 3.17-22	205
2 Rs 2.1-12c	226	Mt 27.57-66	76
2 Co 3.12-4.2	399	DIA DA PÁSCOA	
Mc 9.2-9	74	Is 25.6-9	122
QUARTA-FEIRA DE CINZAS		1 Co 15.19-28	113
Jl 2.12-19	347	Mc 16.1-8	117
2 Co 5.20b-6.2	87	NOITE DE PÁSCOA	
Mt 6.1-6, 16-21	373	Dn 12.1c-3	528
1º DOMINGO NA QUARESMA		1 Co 5.6-8	87
Gn 22.1-18	91	Lc 24.13-49	105
Rm 8.31-39	36	2º DOMINGO DE PÁSCOA	
Mc 1.12-15	85	At 3.13-15, 17-27	109
2º DOMINGO NA QUARESMA		1 Jo 5.1-6	119
Gn 28.10-17, 18-22	95	Jo 20.19-31	313
Rm 5.1-11	98	3º DOMINGO DE PÁSCOA	
Mc 8.31-38	418 / 419	At 4.8-12	306
3º DOMINGO NA QUARESMA		1 Jo 1.1-2.2	118
Êx 19.7-14	314	Lc 24.36-49	328
1 Co 1.22-25	77	4º DOMINGO DE PÁSCOA	
Jo 2.13-22	341	At 4.23-33	332
4º DOMINGO NA QUARESMA		1 Jo 3.1-2	121
Nm 21.4-9	87	Jo 10.11-18	289
Ef 2.4-10	371	5º DOMINGO DE PÁSCOA	
Jo 3.14-21	92	At 8.26-40	326
5º DOMINGO NA QUARESMA		1 Jo 3.18-24	323
Jr 31.31-34	84	Jo 15.1-8	101
Hb 5.7-9	94	6º DOMINGO DE PÁSCOA	
Jo 12.20-33	97	At 11.19-30	333
DOMINGO DE RAMOS		1 Jo 4.1-11	388
DOMINGO DA PAIXÃO		Jo 15.9-17	115
Zc 9.9-10	75	ASCENÇÃO DE NOSSO SENHOR	
Fp 2.5-11	86	At 1.1-11	123
Mc 14.1-15,47 ou 15.1-39	83	Ef 1.16-23	126
SEGUNDA-FEIRA NA SEMANA SANTA		Lc 24.44-53	128
Is 42.1-9	89	7º DOMINGO DE PÁSCOA	
Hb 9.11-15	84	At 1.15-26	335
Jo 12.1-11	370	1 Jo 4.13-21	415
TERÇA-FEIRA NA SEMANA SANTA		Jo 17.11b-19	389
Is 4.1-6	330	VÉSPERA DE PENTECOSTES	
1 Co 1.18-25	80	Êx 19.1-9 ou At 2.1-11	138
Jo 12.20-36	319	Jo 7.37-39a	142
QUARTA-FEIRA NA SEMANA SANTA		PENTECOSTES	
Is 50.4-9b	312	Ez 37. 1-14	140
Rm 5.6-11	343	At 2. 22-36	144
Mt 26.14-25	81	Jo 7. 37-39a	141
QUINTA-FEIRA NA SEMANA SANTA		NOITE DE PENTECOSTES	
Êx 24.3-11	245	Ez 36.22-28	139
1 Co 10.16-17	271	Ap 21.1-5	536
Mc 14.12-26	93	Mt 28.16-20	407
SEXTA-FEIRA NA SEMANA SANTA		DOMINGO DA SANTÍSSIMA TRINDADE	
Os 6. 1-6	395	Dt 6. 4-9	246

Rm 8.14-17	367	15º DOMINGO APÓS PENTECOSTES	
Jo 3.1-17	151	Dt 4.1-2, 6-8	246
2º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		Ef 6.10-20	200
Dt 5.12-15	145	Mc 7.1-8, 14-15,	241
2 Co 4.5-12	334	16º DOMINGO APÓS PENTECOSTES	
Mc 2.23-28	381	Is 35.4-7a	207
3º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		Tg 1. 17-22 (23-25, 26-27)	185
Gn 3.9-15	269	Mc 7.31-37	430
2 Co 4.13-18	297	17º DOMINGO APÓS PENTECOSTES	
Mc 3.20-35	148	Is 50.4-10	311
4º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		Tg 2. 1-5, 8-10, 14-18	385
Ez 17.22-24	149	Mc 8.27-35	469
2 Co 5.1-10	521	18º DOMINGO APÓS PENTECOSTES	
Mc 4.26-34	241	Jr 11.18-20	397
5º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		Tg 3.16-4.6	394
Jó 38.1-11	157	Mc 9.30-37	137
2 Co 5.14-21	94	19º DOMINGO APÓS PENTECOSTES	
Mc 4.35-41	365	Nm 11. 4-6, 10-16, 24-29	416
6º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		Tg 4. 7-12 (13-5.6)	385
Lm 3.22-33	336	Mc 9.38-50	314
2 Co 8.1-9, 13, 14	30	20º DOMINGO APÓS PENTECOSTES	
Mc 5.21-24a, 35-43 ou Mc 5.24b-34	518	Gn 2.18-24	220
7º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		Hb 2.9-11	129
Ez 2.1-5	150	Mc 10.2-16	454
2 Co 12.7-10	405	21º DOMINGO APÓS PENTECOSTES	
Mc 6.1-6	346	Am 5.6-7	351
8º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		Hb 3.1-6	266
Am 7.10-15	151	Mc 10.17-27	394
Ef 1.3-14	220	22º DOMINGO APÓS PENTECOSTES	
Mc 6.7-13	153	Is 53.10-12	278
9º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		Hb 4.9-16	439
Jr 23.1-6	268	Mc 10.35-45	478
Ef 2.13-22	306	23º DOMINGO APÓS PENTECOSTES	
Mc 6.30-34	152	Jr 31.7-9	289
10º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		Hb 5.1-10	171
Êx 24.3-11	209	Mc 10.46-52	348
Ef 4.1-7	335	24º DOMINGO APÓS PENTECOSTES	
Jo 6.1-15	154	Dt 6.1-9	381
11º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		Hb 7.23-28	281
Êx 16.2-15	393	Mc 12.28-34	241
Ef 4.17-24	399	25º DOMINGO APÓS PENTECOSTES	
Jo 6.24-35	266	1 Rs 17.8-16	296
12º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		Hb 9.24-28	60
1 Rs 19.4-8	402	Mc 12.41-44	387
Ef 4.30-5.2	300	ANTEPENÚLTIMO DOMINGO	
Jo 6.41-51	452	DO ANO DA IGREJA	
13º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		Dn 12.1-3	534
Pv 9.1-6	331	Hb 12.26-29	307
Ef 5.15-20	533	Mc 13.1-13	420
Jo 6.51-58	374	PENÚLTIMO DOMINGO	
14º DOMINGO APÓS PENTECOSTES		DO ANO DA IGREJA	
Js 24.1-2a, 14-18	187	Dn 7.9-10	329
Ef 5.21-31	456	Hb 12.1-2	290
Jo 6.60-69	240	Mc 13.24-31	418
		ÚLTIMO DOMINGO	
		DO ANO DA IGREJA	
		Is 51.4-6	43
		Jd 20-25	215
		Mc 13.32-37	537

Textos Bíblicos dos Hinos do Hinário Luterano

Milton Lehmann *

O novo Hinário Luterano foi introduzido na Igreja Evangélica Luterana do Brasil no final de 1986. O mesmo trouxe algumas novidades. Entre estas figura a menção de passagens bíblicas cujo conteúdo está relacionado com o texto das estrofes às quais se referem (ou mesmo do hino todo). Com isto, o texto bíblico e hino completam-se. A listagem que segue foi compilada pelo Rev. Milton Lehmann. A finalidade da mesma é auxiliar na escolha

dos hinos mais apropriados para os cultos e demais atividades eclesiais a partir dos textos bíblicos. Esta tabela, com certeza, em muito auxiliará pastores e líderes congregacionais em suas atividades paroquiais. O sistema de referência menciona primeiro a passagem bíblica, depois o número do hino seguido da estrofe correspondente. (Exemplo: Gn 1.27 158:2 - entenda-se que Gênesis 1, versículo 27 é mencionado no hino número 158, estrofe 2).

GÊNESIS		2 REIS			
1.27	158:2	2.11	540:3		289
3.15	33:4	20.1	519:4		292
	531:2				462
3.24	31:6	1 CRÔNICAS		.1-3	187:1
8.22	210:1	16.23,24	177:1	2	240:5
12.2	302:3	29.11-13	157:1	3	427:1
32.10	228:1		220:1	4	426:3
				24.7-10	519:7
ÊXODO		JÓ			9:1
3.14	209:1	1.21	394:4	25.5	14
12.13	109:5		413:2	6,7	412:2
20.1-17	381	5.17,18	402:4	15-18	260:3
34.6	393:1	17-19	443:8	15-20	418:1
		18	515:7	16-18	212:3
		19.25	106:1	18	493:4
			526:1	26.2	347:4
NÚMEROS				8	240:6
6.24	179			27.1	181:3
24-26	148:5	SALMOS			340:2
17.8	34:3	1	382		372:1
		1.5	178:5		426:4
DEUTERONÔMIO		2.1-6	218:1	4	502:2
5.1-21	381	3.5	503:2		183:1
6.6,7	253:4	4.8	497:1	11	340:2
	450:3		499:3	29.1,2	311:1
7.9	402:1		502:1		146:3
15.7-11	398:3	5.11	419:1	30.5	204:1
32.7	164:1	9.1,2	178:1	31.3	413:3
33.27	395:1	12.1,7	241:1	23	429:6
1 SAMUEL		13.3	342:1	32.1,2	267:4
3.9	168.5	14.7	23:3	1-5	351:1
			43:2	5	260:7
2 SAMUEL		16.1	437:1	33.12	493:4
22.2,3	180:1	18.1,2	50:6		512:1
		19.1-4	189:2	20-22	513:1
		20.5	295:3	34.7	418:3
		22.11	180:2		429:3
		23	268	37:5	510:2
			269.3		315:1
					424:1

* Pastor em Itajaí, SC.

	512:7	10-12	511:4	130	349
	200	11	486:2		359
37.39,40	493:3		505:1	.1	345:1
38.21,22	361:3	11,12	507:1	1-4	358:1
40.16,17	429:1	92.1ss	210:3	3	363:2
42.5	144:4	94.8-11	395:2	3,4	50:4
43.10	165	17,18	425:2		260:5
46	438	18	318:4		443:6
	180:1	95.1	149:1	5	245:3
.1	306:1	6,7	177:3	7,8	345:3
5	150:1	97.11	501:2	136	227
47.6-8	156:1	100	177	.1	216:1
	315:1		210	4	216:3
48.14	409:4	.2	383:2	26	216:4
50.15	473:1	4	168:1	139.14	178:4
23b	351:4		219:2	23,24	429:6
51.1,2	406:1	103	221	24	267:3
	354:1	.1	204:4	143.2	356:1
3,4	127:3	1,2	210:3	8	58:6
10	396:3	1-4	228:2	10	133:2
	141:4	8-12	223:3	10,11	135:3
10,11	254:4	10-13	409:2		161:3
10-12	261:4	104.3	180:2	145.3-7	220:1
	344	24	233:1	8-10	146:4
10-14	363:3	24,25	206:1	17-19	433:2
17	354:1	27	215:3	17-19	433:2
19	23:3		513:4	18	57:10
53.6	416:1	105.1-4	145:3	18,19	341:3
54.4	361:1	116.5-9	433:4	149.1,2	192:1
55.16	320:5	117	70	150	213:1
22	430:2	118.14-16	217:1		
	527:3	119.9	243:3		
56.13	175:1		473:1	PROVÉRBIOS	
65.4	204:1	11	247:3	3.17	424:3
66.1,2	241:5		532:4	24-26	481:3
10	174:4	49,50	304:5	16.3	487:5
12	126:3	50	166:1		
68.18	497:2	72	247:1	ECLESIASTES	
19	176:2		304:3	5.12	481:3
32,33	98:3	104,105	242:4		
69.4	436:2	105	197	ISAÍAS	
73.23	484:4		243:1	1.18	355:6
23,24	435:1		248:1	6.1-4	234
25	393:3		473:2	2,3	172:4
82.3,4	134	114	180:1	3	146:1
84	55:4	125	339:2		154:3
.11,12	425:3	133-135	357:4	8	339:4
86.6,7	416:4	121	434	7.14	10:1
90.4	472:3	.1-3	317:2		18:1
5,6	432:2	3-5	499:2		23:1
10	519:1	4-7	495:1	9.6	34:1
	519:4	8	202:3		12:3
12	56:5	122.1	181:2		23:1
17	337:3	6	300:1		24:2
	480:5	126.5	53:4		31:4
	487:5		532:5	11.1	3:3
91.1,2	428:1	127:1	57:6		10:2
2	57:8		448:4	1,10	45:1
4	214:2		478:1	10,12	327:1
4,9-11	493:3	128.1,2	443:5	12	402:5
				12.1-6	156:3

21.11	1:1	EZEQUIEL		14-16	304:2
25.8,9	58:4	3.17,18	339:3	17	34:4
9	478:3	33.11	354:2	44-48	385:2
26.4	323:4	34.11,12,16	265:3	6.9-13	442
19	523:6	12	301:1		443
33.2	491:3	16	366:4	26	215:3
40.1-8	11	36.26,27	140:4	26-28	206:2
3-5	11:2			31-34	443:5
	8:2			7.13	186:3
41.10	160:1	DANIEL		8.5-13	365:3
42.9	1:2	9.18,19	155:1	20	26:11
43.1	78:4	12.13	503:3	23-27	417:3
	318:3			9.2	351:4
	426:1	OSÉIAS		36-38	393:3
24	85:3	13.14	109:3	37	333:2
24,25	368:2				338:1
45.8	3:2	JOEL		10.22	47:4
46.4	479:6	2.17	305:5		539:5
48.17	267:3			33	316:2
49.6	4:1	MIQUÉIAS		38	319:6
	172:3	7.18,19	443:6	11.4,5	430:1
7	62:4	19	362:3	28	260:6
13	62:6				348:1
16	294:3	HABACUQUE			355:4
	317:2	2.20	173:1		360:1
53	91		188:1		360:1
.2	3:3				368:1
3	88:1	ZACARIAS		28,29	423:3
	93:2	2.10	37:1	28-30	2:6
	94:5	9.9	8:1		378:5
5	88:3		12:2	30	412:3
6,7	89:1		14:2	13.8	320:4
7	92:2			24	168:3
	98:3			43	194:3
54.10	251:5	MALAQUIAS		14.22-33	432:6
55.7	343:1	4.2	16:2	16.13ss	408
12	27:2		27:2	18	469:4
58.7	386:3		265:4	24	165:3
59.20	10:1		491:1		85:6
60.1-6	65				327:3
61.10	194:2	MATEUS			407:2
62.11,12	9:4	1.21	68:1	24,25	319:1
12	514:1	21- 23	44:3	26	262:1
63.3	97:2		232:2		470:3
64.1	3:1	23	18:2	17.2	74:1
66.13	57:4		23:1	18.11	233:2
	457:3		25:2	15ss	473:3
			34:1	23	50:4
JEREMIAS			46:4	19.25,26	455:3
3.15	164:4		573:3	20.1	383:1
	337:2	2.1,2	29:1	28	362:2
22.9	491:2	1,11	17:2	21.1-9	5:1
29.7	512:1	1-11	69	1-11	6
13	378:3	1-12	63	23.10	77:4
31.11	142:1	2	554:2		299:3
31	252:3	11	61:2	24.29-31	322:1
33	144:5		65:5	30	531:3
LAMENTAÇÕES			562:4		121:3
3.22	366:2	4.4	174:1	30,31	543:1
		5.11,12	297:3	35	126:2
		14	310:4		165:4

	242:5		36:2	5	99:2
	314:1		152:1	9	40:2
24.42	533:1		231:1		491:1
44	542:3		557:1	12	233:1
25.1-13	5:4		558:3		310:1
	534		559:1	14	2:1
13	542:3	19	547:4	18	367:2
	543:2	29-32	236	29	91
21,40	387:6	3.4-6	8:2		203:1
34	372:2		11:2		233:2
	514:3		14:4		235:1
	533:4	16	138:4	2.9	448:2
35ss	388:2	4.18	346:2	3.5	252:2
35,36	398:3	5.1-11	477:2		253:2
26.28	262:2	32	362:1	16	29:3
29	260:12	6.36,37	443:6		32:1
39	86:2	9.23	2:6		375:1
41	76:1	62	474:4		547:4
	441:1	10.2	333:2		550:1
27.46	80:2		337:1	19	488:3
	97:1		474:3	4.14	286:3
28.2	108:1	20	535:5		436:3
	118:2	38-42	244	5.24	245:2
20	77:4	42	240:1	39	47:2
	128:2	11.2-4	442		246:2
	325:5		443		280:2
	403:4	52	241:3		471:2
	407:1	12.32	162:2		473:1
		42	389:3	6.35	257:1
MARCOS		14.16ss	336:4	37	347:1
5.21-43	518	15	263:1		406:2
6.34	329:2	22,23	331:1	40	105:3
7.7-9	241:2	15.2	355:1	48-50	452:1
9	395:2	11	259:4	63	2404
34	430:3	24	474:4	66	326:1
37	207:1	17.5	183:3	7.37,38	436:3
9.24	174:2	33	319:6	8.12	53:1
	255:5	21.25-27	441:3		64:1
	256:3	27	535:1		99:2
	263:7	22.19,20	255:4		257:4
10.13-16	252:1	35	50:2		265:1
14	253:3	42	893		280:3
	453:1	23.34	320:3		328:6
	454:2	24.1-6	112.1		374:1
15.16-20	88	5	110:2		404:3
34	93:4	29	198:2		499:1
16.1-8	113:6		296:1	31,32	164:7
			403:1		306:3
LUCAS			411:1		391:3
1.77-79	277		493:1	32-36	272:3
2.7	562:1	47	328:4	36	348:6
8-11	554:1	47,48	270:3		358:6
8-20	26				368:4
9,10	545:1	JOÃO		9.4	325:4
10,11	24:3	1.1-14	35		383:4
	573:2	3	36:9	10.7	279:3
11	26:3		311:3	10	266:1
	567:1		122:4	11	305:3
12	26:5	4	71:1	16	303:3
13	35:1	4,5	35:3	27	322:1
14	25:1	4,9	72:1	27,28	106:4

	269:3		367:5		198:1
	376:7		404:2		406:2
	415:3	12	446:2	8,9	343:3
	420:4	26	156:2		378:2
27-29	471:2		233:3	20	349:5
28	13:3	27	329:4	6.11	371:2
	92:3	16.13	471:3	7.14,17ss	400:1
	322:4	20	370:4	24	345:2
	519:6		413:3	8.1	345:2
11.25,26	518:3	23	341:3	5-11	144:6
	526:2	23,24	443:1	11	298:1
12.13	13:2	27	269:4	15	471:1
26	273:1	33	405:1	16	140:1
	525:3		406:3	17	129:6
28	443:2		538:3		165:4
35	330:3	17.11	299:3		365
35,36	384:3	11,14,16	389:1		413:1
46	319:2	17-19	298:3		542:2
	362:4	24	5:5	18	320:1
	488:2		114:3	26	136:2
13.1	269:1		553:1		143:3
	278:1	20.7	112:2		149:3
14.1-4	130:3	11	120:1		158:4
	83:1	17	26:7	27	318:2
	125:2		128:6	28	54:3
	364:4	23	343:2		414:3
	530:3	23.5,6	9:2	32	214:3
2,6	288:2			33,34	111:3
2,16,18	126:1	ATOS			120:4
3,18	537:2	1.8	452:3	34	233:2
4	470:1	9	130:1		372:3
4-6	471:2	11	125:3	37	397:4
6	130:6		537:2	38	526:3
	378:1	2.24	114:3	38s	82:5
	505:4	4.11	306:4	38,39	377:2
13	443:9	12	51:1	10.4	381:7
15,21	269:4		68:3	9	258:7
16	137:4		378:1	9,10	288:3
	299:2	15	306:2	12.1	472:2
	471:3	7.56	131:4		392:4
16,17	231:4	12.1-19	506	2	443:4
	233:3	14.22	283:3	10	271:4
16,26	151:4		322:2	12	57:9
19	76:3		432:4		334:3
23	7:2	16.30,31	176:2	14,17-21	385:4
	174:3	31	355:7	16-18	392:3
26	132:1		456:1	13.11,12	539:4
	135:1			14.8	525:2
	139:1	ROMANOS		8,9	377:3
	153:4	1.16	335:1	17	150:2
	155:3	16,17	245:1	17-19	393:2
	157:3	20	220:2	15.4	248:2
	160:3	20,21	330:2	13	132:2
	188:3	3.20	376:3		
	232:3	23,24	376:4	1 CORÍNTIOS	
27	242:3	28	373:1	1.4-9	155:2
	261:4	31	34:4	9	318:4
	271:3	4.4,5	371:2	12-14	443:3
	332:3	25	118:1	2.4	144:5
	347:3	5.1	186:4	9	534:3
15.5	323:4			12,13	141:2

2 CORÍNTIOS		26,27	254:3	17	313:4
1.20	443:9	5.1	191:3	17,18	143:5
21,22	138:1	22-25	133:5		325:3
	159:3	6.1,2	473:3	FILIPENSES	
4.17	353:6	EFÉSIOS		1.12,13	474:4
5.21	94:3	1.3-7	220:3	16	469:2
	161:2	4,5	278:2	21	430:5
	368:5	5,6	89:3		520:1
	375:5	6-8	371:3	23	273:3
6.1	541:2	7	81:4		340:4
.1,2	26:15		270:1		542:1
8.9	30:3	7,8	345:3	27	327:2
10.15	391:2	13,14	159:3	2.1,2	161:4
12.9,10	54:2	20-22	115:2	1-4	132:2
	369:1	2.4-6	101:5	7	63:3
13.3	369:1	4-9	371:1	7-11	31:5
GÁLATAS		12	376:2		131:3
2.20	28:5		452:3	8	34:1
3.13	75:3		469:3	9	51:1
	373:5	12,13	328:2	10	167:2
26,27	251:2		481:4	10,11	172:3
4.4	34:1	19-22	307:3	11	26:3
	124:1	20	438:2		60:1
4,5	373:4	20-22	341:2	13	312:2
4-7	376:6	3.14-17	346:3	3.7	209:3
6	133:3	16,17	137:3	8-11	374:2
	233:3		139:2	20	389:1
14	196:2		341:2	4.7	208:5
3.11	306:1		343:4	11-13	431:2
	366:1		421:3	13	317:1
16	144:1	3.17	8:3		392:1
5.7	87:4		16:4	COLOSSENSES	
6.11	136:3	20,21	230:5	1.13,14	180:5
14	103:3	4.1-6	335:4		346:1
	105:3	3	300:3		358:4
8.6	471:1	3-5	271:1	20	88:6
10.4	276:1		301:5		190:3
13	402:2	5,6	471:1		288:1
16	256:4	11-15	391:3	23	367:1
	261:3		307:4	3.1	117:4
	263:3	14	443:2		
11.27,28	258:3	28	481:2	ITESSALONICENSES	
	260:2	32	271:5	2.12	128:4
12.3	139:3		300:2	3.12,13	391:2
13	388:1	5.1,2	508:1	4.11	334:1
.12	396:4	2	269:2	5.5	384:1
15.42,43	526:5	8	384:2	12-15	392:13
42-44	521:2		488:4	16-18	222:3
52	516:3	14	539:4	23	57:2
	535:2	14-16	533:1		148:2
54	121:3	6.4	253:4		204:4
55	87:3		450:3		318:5
	109:3		451:3		
	117:2	5-7	302:3	2 TESSALONICENSES	
55-57	107:3	10	443:7	2.15-17	367:3
57	80:3	10ss	90:3	3.3	190:1
	101:2	10-17	200	1 TIMÓTEO	
58	328:5	13	295:1	1.12	372:4
	383:3		367:6		
26	536:1		399:1		

15	85:3	7.18.22	49:1	11	246:1
2.5,6	90:1	22	79:3		439:2
	362:2		281:4	19	443:4
3.16	127:1		294:1	5.2,3	338:4
4.16	338:3	25	128:7	8	443:7
5.8	456:3	9.14	298:2		533:3
6.6-8	431:3		498:2		
6-10	394:1	15	170:3	2 PEDRO	
12	142:3		256:2	1.10	309:2
	310:6	20	55:2	19	63:3
	313:1	24	131:4	3.3,10	535:1
	399:3	10.23	164:7	9	375:3
16	230:1	24	538:2	13	529:1
17	478:1	25	310:2	17,18	301:4
17,18	479:5	29	82:3	18	391:1
			140:3		
2 TIMÓTEO			371:4	1 JOÃO	
1.5	454:1	35	381:2	1.7	77:1
10	40:4	11.1,2	297:1		129:2
	151:3	13	530:2		160:2
	521:1	13-16	531:1		260:11
12	244:2	25	539:3		266:4
	377:1	25,26	470:2		364:3
2.22	472:2	12.1-3	297:4		370:2
3.1ss	296:3	4-7	402:4	7-9	81:1
14,15	454:1	10	309:2	2.1	121:2
14-16	455:1	14	392:3		131:4
15	377:1	22	536:1		279:1
	473:1	22-24	540:1		294:3
15,16	458:2	28	302:1	13,14	299:1
4.7,8	313:5		308:1		383:1
18	443:8	13.5,6	429:5	15	318:6
TITO		8	42:1	17	397:2
			56:1		453:2
2.11	371:6		282:3	3.1	153:1
3.4-7	371:6	14	310:3	8	33:5
5	143:2		432:1		46:5
5,6	233:3	TIAGO		4.10	188:2
		1.16-18	471:11	14,15	272:2
HEBREUS		17	389:1	5.4	288:3
1.14	510:1	21	185:1	6	52:3
2.10	129:3		243:2	13	142:2
11	26:7		246:3	18	518:2
	147:2	5.13	214:1		368:4
11,12	28:2			19	531:2
14	105:1	1 PEDRO			303:4
14,17	560:3	1.5	370:3	20	329:1
3.12,13	331:3	6-9	285:1		233:2
14	79:4	12	139:1	2 JOÃO	
4.9	503:3	18,19	2822	7	162:1
12,13	242:5	2.4	306:4		
15	361:2	17	385:1	JUDAS	
15,16	439:3	21	386:3	3	397:1
16	371:5	24,25	159:2	20-23	144:3
	407:3	3.15	316:4	25	218:4
5.9	60:3	17,18	443:4		284:4
	93:1	4.8	300:2		
	125:1		388:5	APOCALIPSE	
	171:3	10,11	387:2	1.5	348:6
	191:2				

5,6	124:2		191:4	21.1 1-3	529:1
8	20:1		511:2		536:2
	24:5	11-14	532:2	2	530:1
	42:1	12	87:4	2,9	446:4
2.10	320:6		122:1	3	9:4
	321:2	12,13	203:4	21.4	88:8
	325:5	12-14	205		403:5
	539:5	13	42:3	7	542:2
3.5	252:5		447:4	9ss	536:4
8-12	164:6	7.9	528:1	21	534:3
11	312:1			22.4	396:4
20	5:4	9,10	324:1	13	42:1
	6:1	13,14	84:3	16	23:1
	263:2	14	290:4		
	366:3		436:3		66:3
	154:3	11.15	131:5		67:1
4.8	232:1	12.10,11	124:3		328:1
11	78:4	14.6,7	166:2		342:1
5.9	109:6	13	517:3	20	6:3
	182:2		523:2		13:5
	129:1	15.3,4	146:1		127:3
11,12	89:4	19.7	446:4		528:3
		20.12	535:3		535:6
					537:3

Estudos Homiléticos

1. Quarto Domingo no Advento

Série Trienal C

Antigo Testamento: Miquéias 5.2-5

INTRODUÇÃO

Contamos o nosso tempo a partir do nascimento de Jesus. Agora estamos no ano de 1987 depois de Cristo. O profeta Miquéias, de quem temos hoje o texto base para nossa meditação, viveu no ano de 720 antes de Cristo. Estes 720 anos somados aos 1987 resultam em cerca de 2.700 anos. A 2.700 anos atrás o profeta, um dos menores profetas do Antigo Testamento, profere uma mensagem que bem poderia se igualar às mensagens proferidas em nossos púlpitos hoje, e quem viesse a crer naquela mensagem, teria a salvação em Cristo Jesus, identicamente como nós teríamos em nossos dias. Só com uma diferença: No ano de 720 antes de Cristo os ouvintes olhavam para a frente - pelo que iria acontecer; nós, em 1987, olhamos para trás - pelo que já aconteceu. Mesmo assim, distantes por mais de 2.700 anos as palavras de Miquéias são:

Tema: Uma profecia com espírito de Advento e com uma mensagem de salvação.

A) - *Que fala da humanação do Messias*

1) A pequena Belém — v. 2

a - Muito pequena.

Nem sequer é mencionada entre as 112 cidades de Judá. Js 15.

Muito antiga: Já existia no tempo de Jacó.

Raquel, esposa de Jacó foi ali sepultada. Gn 35.19.

Tem uma história romântica: É o lar de Boaz e Rute. Rt 4.9-11.

Cidade de Obede, Jessé (pai de Davi) e Davi, por isso chamada também a cidade de Davi. Na época do profeta Miquéias teria cerca de 500 habitantes. Hoje: Seus habitantes assomam mais de 5.000, com casas pequenas mas bem construídas; seus arredores ainda cultivam os grãos dos tempos de Rute, uva, figos e oliveiras.

Nos arredores a mãe de Constantino construiu a capela de Santa Helena.

b - Ali nasceria o Salvador Texto:

"De ti me sairá..."

Belém quer dizer: Casa de Pão.

Jo 6.48-58 "... pão que desceu do céu..."

2) Berço do Deus eterno.

a - O Deus criador

Ap 4.11 "... todas as cousas tu criaste... tua vontade..."

Jr 10.12 "... fez à terra pelo seu poder. ...";

Hb 11.3 "... pela fé entendemos a criação..."

b - Teu e meu criador

Sl 139.14 "... assombrosamente maravilhoso me formaste..."

Sl 95.6 "... ajoelhem-nos... que nos criou..."

Is 45.12 "... criei nela o homem..."

c — Cabe num berço de palha Lc

2.7 - manjedoura.

d - Cabe no teu coração

Mt 18.11 "... salvar o perdido.. ." Rm

10.9 "... se em teu coração creres. . ."

Pv 23.26 "... filho, dá-me o teu coração. ..."

B) - *Se refere ao serviço do Messias*

1) Apascentará - v. 4

a - O Bom Pastor - Jo 10.1-18

Is 40.11 "... apascentará o seu rebanho. ..."

2 Tm 2.19 "... conhece os que lhe pertencem..."

b - Busca a perdida.

Ez 34.16 "... a perdida buscará, a quebrada ligarei..."

Lc 15.3-7 - ovelha perdida.

Lc 15.8-10 - dracma perdida.

c - Dá a sua vida pelas ovelhas

Is 43.1 "... não temas, eu te remi..."

d - Somos dele.

Sl 100.3 "... rebanho do seu pastoreio.

.. " Jo 10.27 "... ouvem a minha voz..."

2) Com majestade.

a - Autoridade.

Mt 28.18 "... toda autoridade. .. céu e na terra..."

2 Pe 1.16 "... testemunho de sua majestade."

b - Autoridade sobre morte e inferno.

1 Co 15.54 "... tragada foi a morte... "
Mt 16.18 "... as portas do inferno
não prevalecerão..."
Ressurreição Lázaro.

- c - Autoridade para perdoar
Lc 5.17-26 o paralítico: ". . . perdoados estão..."
Sl 103.3 ". . . "perdoa as nossas iniquidades. . ."
Ef 4.32 "... Deus perdoa em Cristo... "
Sl 25.18; 32.5; 65.3; 85.2.

C) - *Menciona a grandeza do Messias*

1) Honra e glória - v. 4

- a - Glória.
Lc 2.14 - o Glória dos anjos na campina de Belém.
Jo 1.14 - "... vimos a sua glória..."
Cl 2.9 "... plenitude da divindade..."
Ef 4.10 "... enche todas as cousas..."

- b - A quem devemos honrar.
Neg.: Mt 15.8. ". . . não só com os lábios..."
Jo 5.20-23 e Pv 3.9,10

2) Em toda a terra

- a - Soberano.
Fp 2.9-11 ". . . se dobrará todo o joelho..."
- b - Se não agora, depois.
At 17.30,31 "... um dia com justiça..."
2 Co 5.10 "... todos comparecerão..."
Mt 7.23 "... nunca vos conheci..."
Ap 20.13 "... um por um..."
- c - Nosso consolo.
Jo 3.18 ". . . quem nele crê, não é julgado. . ."
- d - Estamos preparados?
E advento - 10 virgens, néscias e prudentes Mt 25.1-13
Ap 16.15 ". . . Bem-aventurado o que vigia..."

D) - *E aponta para a finalidade de sua vinda.*

1) Paz - v. 5

- a - Paz com Deus
2 Co 5.18,19 ". . . reconciliando consigo o mundo..."
Rm 5.10,11 ". . . reconciliados... salvos. . ."
Rm 4.25 ". . . por causa da nossa transgressão..."
Rm 5.1 "... mediante a fé..."
- b - Paz de consciência.
Hb 10.22 "... purificados da má consciência..."

Hb 9.14 ". . . purificará nossa consciência. . ."

c - A tua e a minha paz.

Ef 2.13,14 ". . . aproximados pelo sangue de Cristo... a nossa paz..."

- Conclusão:* 1 - Para nós, que olhamos para trás - e já vimos acontecer - deveria ser bem mais fácil crer, porém...
2 - Estamos preparados para recebê-lo novamente? Ou as cousas materiais nos absorvem em demasia?!
3 - Talvez fosse necessário novamente um João Batista: "Endireitai o caminho. . ." Lc 3.4-6
4 - "Vem Senhor" - Ap 22.20

Rev. Guido R. Goerl
Porto Alegre, RS

2. Festa do Nascimento de Nosso Senhor

Série Trienal ABC

Evangelho: Lucas 2.1-20

INTRODUÇÃO

Irmãos! Quero voltar a Belém! Bem sei, o menino Jesus não está mais deitado na manjedoura, envolto em faixas, repousando sobre a palha fresca. Bem sei, lá não encontrarei mais a estrebaria, aquelas quatro paredes de laje, com teto em traves, escura e lá dentro os pais atônitos - mas felizes, junto ao recém-nascido. Bem sei; não encontrarei mais os animais, ruminando as ervas frescas colhidas na véspera. Mesmo assim quero voltar a Belém. Bem sei, estando lá não me aparecerá um anjo para anunciar a boa nova, para dizer: "Vai até ali ver o que o Senhor te deu a conhecer." Mesmo assim quero voltar a Belém. Bem sei, não encontrarei mais pelo caminho uma estrela excepcional a brilhar e a mostrar-me o caminho ao estábulo na pequena vila dos altos da Judéia. Bem sei, não encontrarei mais ali o Rei dos reis para ofertar-lhe ouro, incenso e mirra, ou algum presente que me fosse possível dar. Mesmo assim...

Tema: Quero voltar a Belém!

A) - *Para adorar o menino Jesus como meu Salvador.*

1) O Verbo que se fez carne.

a - Nem todos pensam assim.

Alguns o comparam a Sócrates, Buda, Ghandi, Che-Guevara e outros. Outros só o respeitam: o consideram um homem excepcional que trouxe novas luzes à humanidade, mas foi traído por um dos seus e acabou numa miserável cruz.

b - São sepulcros caiados: cheios de teorias ocas...

O pintam-no ao gosto de cada século. Não aceitam sua soberania. Entregam-se a fábulas 2 Tm 4.3,4.

c - Por isso quero voltar a Belém:

Para adorar o menino Jesus, o Verbo que se fez carne Jo 1.14, a Luz do mundo Jo 1.4,5, o Caminho a Verdade e a Vida Jo 14.6.

2) Pois nasceu o *meu* Salvador

a - É cousa individual.

Lc 1.47 Maria: "... meu salvador." Não posso ir a Belém por você. Sl 49.7 "... ao irmão, verdadeiramente, ninguém o pode remir, nem pagar o seu resgate por ele."

b - É assunto pessoal.

Lc 19.5,9 Zaqueu: "... me convém ficar em tua casa hoje..." "... e ali houve salvação." v. 9.

c - É imprescindível.

1 Tm 1,15 "... (Cristo) veio salvar os pecadores dos quais eu sou o principal."

Segundo Artigo: "... me remiu a mim homem perdido e condenado..."

Por isso quero voltar a Belém para adorar o menino Jesus como *meu* Salvador. Lc 19.5,9 Zaqueu: "... me convém"

B) — *Para adorá-lo em Espírito e Verdade*

1) Como festejar o Natal?

a - Com banquetes? É bom reunir a família, os parentes, os amigos. Mas só isso não é Natal, não é adoração.

b - Com presentes? Eles podem e devem ser demonstração de afeto e carinho. Mas só isso não traz alegria da Salvação. "O homem não se satisfaz com bens finitos porque ele foi feito por Deus para Deus - infinito." "Sempre compramos algo novo na esperança de que fique eterno."

c - Assistindo o programa das crianças? Muitos o fazem como fórmula mágica de satisfação no Natal. Se "divertem" vendo as crianças recitarem e cantarem, até se emocionam - mas interiormente continuam vazios, infelizes.

Por isso quero voltar a Belém para adorar o menino Jesus como *meu* Salvador.

2) Na verdadeira adoração.

a - Em Espírito.

Jo 4.19-30. Isto é: através do Espírito Santo.

Jesus explica isto a Nicodemos Jo 3.3,5,6 "nascer de novo"

b - E preciso ter fé.

Jo 3.15 "... o que nele crê, tem..."

Rm 10.17 "... fé vem pela pregação. ..."

d - Examinai-vos: 2 Co 13.5 "... se realmente estais na fé." ... e voltai comigo a Belém para adorar em Espírito e Verdade.

C) — *Para buscar paz ao meu coração*

1) As tentativas humanas:

a - Zamenhof, autor da língua Esperanto, esperava dar paz ao mundo se houvesse uma língua só (relacionamento). Lembram: A torre de Babel (Gn 11.4) separou os homens por causa do pecado da soberba (orgulho); a união só se daria com Cristo Salvador: O milagre das línguas At 2.5-12 (Pentecoste) e assembléia das nações no céu Ap 7.9,10.

b - A psicologia (psiquiatria) tenta trazer a paz interior aos homens, mas fracassa porque lhe falta a religião. "Jamais existiu um gênio sem a angústia do destino, a não ser que tenha sido religioso." (palavras de famoso psicólogo).

c - Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev pretendem com o desarmamento trazer a paz ao mundo; quando muito evitariam uma catástrofe maior.

d - O problema da humanidade está no coração, na alma. Resolvido o problema do coração e da alma, teremos paz. Sl 42.2 "... minha alma tem sede de Deus..." Sl 42,5 "...estás abatida. . . espera no Senhor..." Sl 138.3 "... acudiste... alentaste..." Sl 107.9 "... fartou a alma sequiosa..." Sl 25.17 "... alivia as tribulações..." Sl 147.3 "... sara o coração quebrantado..." Sl 35.9 "... minha alma se deleitará na sua salvação."

2) O feito divino.

a - Paz: Os anjos anunciaram: Lc 2.14 "... paz na terra. . ." Isaías profetizou: Is 9.6 "... Príncipe da paz..."

b - Jesus confirmou: Jo 14.27ss "... minha paz vos dou..."

- c - Paulo reconfirma: Rm 5.1-5 e Cl 1.20 "Paz pelo sangue..."

Por isso quero voltar a Belém para buscar paz ao meu coração.

D) - *Para aprender de novo a amar ao meu Deus.*

1) Não que eu sempre o amasse.

a - Rebelde por natureza Rm 7.14,15 "... carnal . . . escravo. . . do pecado. . . não faço o que prefiro. . ."

b - Inimigo Rm 8.7 ". . . inimizade contra Deus..."

Por isso quero voltar a Belém para aprender sempre de novo a amar o meu Salvador, porque...

2) Ele me amou primeiro.

a - Deus é amor 1 Jo 4.16 Em Cristo 1 Jo 4.7-10

b - Nos amou 1 Jo 4.19.

c - Amor superlativo Jo 3.16 ". . . de tal maneira..."

d - Fui transformado por esse amor. Gl 2.20 ". . . já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim."

Conclusão: 1 - Por isso quero voltar a Belém para adorar o meu Salvador, em *Espírito e Verdade*, buscar a paz ao meu coração, que tanto necessito, e amar cada vez mais ao meu Deus em minha vida.

2 - Em breve começam as férias. São merecidas. Outros viajam; merecido também. Ide em férias, viajai, aproveitai este período de descanso. Mas voltai sempre a Belém para ver, sentir e viver estas cousas maravilhosas que o Senhor nos deu a conhecer.

3 - Vivamos para Deus. Tt 2.11-14 ". . . viver sensata, justa e piedosamente. . . (leia o trecho todo, é muito lindo). Isto Belém nos pode dar!

Rev. Guido R. Goerl
Porto Alegre, RS.

3. Pentecostes

Série Trienal C

Epistola: Atos 2.37-47

Um dos desafios do pregador é não pregar sempre o mesmo sermão por ocasião das grandes festas da cristandade. Sem dúvida uma das melhores maneiras de evitar esta dificuldade é ater-se ao texto e explorá-lo adequadamente. A Série Trienal preo-

cupou-se, no domingo de Pentecostes, em dividir At 2 em três partes, dando destaque a cada uma nos três anos (At 2.1-21; 22-36; 37-47). A terceira parte, que está em foco neste ano, dá maior destaque à obra do Espírito Santo naquela primeira congregação de Jerusalém.

Bem faz o pregador que, tendo oportunidade, lê diversas versões e traduções do texto em questão. Deste modo ele irá descobrir os pontos de tradução mais difíceis e os principais problemas de interpretação. A leitura do texto no original irá salientar a ação de Deus Espírito Santo acrescentando os salvos à sua igreja (At 2.41, 47). A principal passagem paralela deste texto encontra-se em At 4.32-35.

O texto em questão nos dá oportunidade para refletirmos sobre batismo, obra do Espírito Santo, vida cristã, santificação, crescimento da igreja, entre outros. Boa leitura adicional encontramos no Catecismo Maior, no terceiro artigo, e no capítulo sobre o batismo.

É importante na preparação do sermão, ler as demais perícopes para o domingo. Lendo o Sl 143, vemos que o Senhor liberta, e pelo seu Espírito Santo conduz os seus por terreno plano vivificando-os. Gn 11.1-9 nos conta a história da torre de Babel, onde Deus confundiu as línguas. Ali acontece um Pentecoste invertido. Jo 15.26, 27; 16.4b-11 nos mostra que Jesus prometeu o Consolador, o qual irá convencer os homens através do uso adequado da palavra de Deus, mediante lei e evangelho.

A partir deste material, pode-se estabelecer como pensamento central do texto o viver sob a influência do Espírito Santo. O sermão terá então um objetivo de vida. Pretende-se que o ouvinte passe a viver a vida cristã sob a influência do Espírito Santo, tanto no plano vertical (homem - Deus) como no plano horizontal (homem - semelhante).

A moléstia que o texto aponta é depreendida pela ausência daquilo que o texto diz ser a vida orientada pelo Espírito. A falta de ensino, comunhão, Santa Ceia, orações na congregação indicam ausência do Espírito Santo. As conseqüências são o egoísmo, falta de obras de amor ao próximo, a Babel. Dando-nos o seu Espírito, que nos lembra o amor de Deus em Cristo, podemos superar o desamor pelo amor, a confusão pelo entendimento (línguas compreensíveis), o egoísmo pelo repartir, a estagnação pelo crescimento. O pregador, a partir do texto, fará a diagnose dos principais problemas que afetam a sua congregação e irá incluí-los no seu sermão, apontando a lei e o evangelho.

Sugerimos o seguinte esboço:

Tema: A igreja vive sob a orientação do Espírito Santo.

1. No plano horizontal

1.1. Persevera na palavra

- 1.1.1. O ensino humano - torre de Babel.
- 1.1.2. O ensino divino (O Salmo do dia).
- 1.2. Batiza para a remissão dos pecados.
 - 1.2.1. O que faz o Batismo.
 - 1.2.2. Erros sobre o Batismo.
- 1.3. Parte o pão.
 - 1.3.1. O valor da Santa Ceia.
 - 1.3.2. O desprezo à Santa Ceia.
- 1.4. Ora.

2. No Plano horizontal.

- 2.1. Vive em verdadeira comunhão.
- 2.2. Pratica a caridade.
- 2.3. Evangeliza.
- 2.4. Recebe os acréscimos de Deus (evangelismo)

Prof. Erní W. Seibert
Escola Superior de Teologia
São Paulo, SP.

O Instituto Concórdia de São Paulo convida você a participar do Curso Intensivo de Diaconia em Educação Cristã nos dias 31 de janeiro a 13 de fevereiro de 1988

O QUE É O CURSO INTENSIVO DE DIACONIA EM EDUCAÇÃO CRISTÃ?

O Curso Intensivo de Diaconia em Educação Cristã é um programa de formação teológica a nível de 2º grau, oferecido a jovens, senhoras e leigos da IELB que queiram servir em suas congregações na área da Educação Cristã. Ele prepara os seus alunos para atuarem em aulas de ensino religioso, na escola dominical, na instrução de confirmandos, na instrução de adultos e nos estudos bíblicos realizados em cultos, nos departamentos, ou em pequenos grupos.

Para atingir este objetivo, o curso oferece as seguintes disciplinas: Introdução à Bíblia, Princípios de Interpretação da Bíblia, Interpretação do Antigo Testamento, Interpretação do Novo Testamento, Catecismos de Lutero, Doutrina, Denominações Cristãs, História da Igreja, Liderança Cristã, Testemunho Cristão, Culto Cristão e Didática do Ensino Religioso. Há também uma série de Leituras Programadas adicionais. Espera-se que os alunos desenvolvam Atividades Práticas em suas congregações sob a orientação do seu pastor.

O Curso Intensivo de Diaconia em Educação Cristã é oferecido em seis etapas, na primeira quinzena de fevereiro e na segunda quinzena de julho. Leva-se, portanto, três anos para concluir o programa. Se o aluno só puder se matricular em uma das etapas anualmente, levará então seis anos para cumprir com todo o programa. Cada etapa tem doze dias letivos, com seis horas de aula por dia.

QUEM PODE PARTICIPAR?

Qualquer pessoa que tenha concluído o 1º Grau, ou esteja atuando na área da Educação Cristã em sua congregação está convidada a fazer a sua matrícula. Mesmo que você ainda não tenha freqüentado nenhuma das etapas que já foram realizadas, pode matricular-se no próximo período intensivo.

QUE DISCIPLINAS SERÃO ESTUDADAS EM FEVEREIRO DE 1988?

Neste próximo período intensivo, serão oferecidas as seguintes disciplinas:

INTRODUÇÃO À BÍBLIA II (2 créditos): estudo introdutório dos livros proféticos do Antigo Testamento (Isaías a Malaquias) com atenção ao fundo histórico e ao conteúdo teológico aplicado à vida diária.

PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA (2 créditos): o curso visa levar os participantes a estudarem os mais importantes princípios que nos levam a uma interpretação sadia e edificante da Bíblia. Ao mesmo tempo, os participantes exercitarão a aplicação destes princípios através da preparação de estudos bíblicos e devoções.

DIDÁTICA II (2 créditos): estudo dos procedimentos didáticos recomendáveis para a educação cristã de adolescentes na instrução de confirmandos.

QUANTO CUSTA CADA PERÍODO INTENSIVO?

O Ensino custa 0,5 OTNs por crédito. Normalmente, cada período intensivo oferece um total de 6 créditos. Custa, portanto, 3 OTNs. Além disto, há as despesas de Pensão e Alojamento. O custo da Pensão foi estabelecido em 3 OTNs e o do Alojamento em 2 OTNs.

Como o Curso Intensivo de Diaconia em Educação Cristã beneficiará direta e imediatamente as congregações, pois os alunos deverão aplicar os seus conhecimentos em serviços relacionados aos seus estudos, desafiamos as próprias congregações luteranas a pagarem, em parte ou no todo, as despesas de seus congregados com estes estudos.

Está feito o convite! Venha estudar no Instituto Concórdia de São Paulo! Você, que há tempo está esperando uma oportunidade para se aprofundar no estudo da Educação Cristã, escreva para o seguinte endereço e peça os formulários para a sua matrícula.

INSTITUTO CONCÓRDIA DE SÃO PAULO
Caixa Postal 60.754 - Fone: (011)511-5077
05799 - São Paulo, SP

Cursos Intensivos oferecidos pelo Instituto Concórdia de São Paulo nas férias de verão de 1988

1. Diaconia em Educação Cristã

- a. Data: 31 de janeiro a 13 de fevereiro de 1988.
- b. Local: Campus do ICSP.
- c. Disciplinas que serão estudadas: Introdução a Bíblia II, Princípios de Interpretação da Bíblia, Didática II.
- d. Pré-requisito: Conclusão do 1º grau ou atuação na área de educação cristã na congregação.
- e. Custos: 8 OTNs (3 OTNs para ensino, 3 OTNs para alimentação, 2 OTNs para alojamento).
- f. Vagas: 40.

2. Diaconia em Música

- a. Data, local, custos e vagas: os mesmos acima citados.
- b. Disciplinas que serão estudadas: Canto e Apreciação Musical I, Teoria e Percepção Musical, Órgão, Flauta Doce, Regência I, Coral I.
- c. Pré-requisito: Conclusão do 1º grau ou atuação na área de música na congregação.

Escreva pedindo informações e os formulários de matrículas.

PROGRAMA DE TEOLOGIA POR EXTENSÃO

O Curso de Teologia e o Curso de Diaconia em Evangelismo (ambos por extensão) estão em fase de implantação.

Como funcionam? Quem pode participar? Quanto custa? Qual o currículo? Qual a duração do curso? ... ? Estas e outras informações estão à disposição dos interessados. Escreva.

ESTUDE NO ICSP!